

## Apêndice 2

### FAZENDO AMOR DE GRINGO

#### O PROCESSO DE CRIAÇÃO

O processo de criação de *Amor de Gringo* foi um complexo esforço colaborativo com William Flynn (daqui em diante Billy) - o primeiro a ter a ideia de usar essa mídia para adaptar minha pesquisa, e que ajudou a “traduzir” o trabalho escrito para uma narrativa visual - e Débora Santos, quadrinista brasileira que ilustrou a graphic novel. A principal função do Billy era encontrar maneiras de adaptar a pesquisa para o formato gráfico, incluindo trabalhar comigo para desenvolver a narrativa, criar diálogos e encontrar recursos visuais convincentes para representar minhas ideias. Isso implicava tanto, desenvolver o arco narrativo da história como um todo, quanto elaborar página por página a sequência de eventos. Em seguida entregávamos para Débora um roteiro bem completo e detalhado, quadro a quadro, ela então fazia um esboço acrescentando o próprio olhar criativo. Débora, brasileira e nordestina, transformou nosso roteiro com ricas, detalhadas e familiares cenas em praias e ruas. Ela também contribuiu com sugestões para alterar a composição de páginas ou determinados quadros, e na variação de cenas e ritmo, basicamente acrescentando elementos visuais que não tínhamos pensado e que enriqueceram a história e a experiência visual dos leitores. Billy e eu então, analisávamos os esboços e enviávamos comentários e sugestões para ajustes, um vai e vem que incluiu várias versões da história até finalmente chegarmos na arte final. Fazendo *Amor de Gringo* aprendemos o que funciona bem e o que não funciona tão bem no formato gráfico, e agora temos melhor noção das complexidades de construção de significados em quadrinhos e graphic novels. Para leitores interessados em saber mais sobre essas questões e sobre nossa colaboração, falo a respeito em maiores detalhes em um post de duas partes no blog *Teaching Culture*: <http://www.utpteachingculture.com/anthropology-otherwise-thoughts-on-a-graphic-novel-experiment/>.

Nossa abordagem foi baseada principalmente em adaptar minha pesquisa etnográfica para o formato gráfico, adaptação feita após a conclusão do trabalho. As fontes primárias na criação da história foram minhas notas de campo e trechos de entrevistas - em outras palavras, *textos*. Primeiramente, construí o arco narrativo baseado em eventos reais e pessoas que conheci, com diálogos baseados em coisas que foram ditas, palavra por palavra. Mas os diálogos estavam desajeitados e pesados, e o enredo difícil de construir. Para fazer a graphic novel tive que mudar minha tendência discursiva, talvez como antropóloga estivesse muito disposta a ser disciplinada e pensar num modo essencialmente textual. Construção de significados em quadrinhos acontece com a sobreposição de imagem + texto, uma arte de equilíbrio fino para que nem a imagem nem o texto diminuam ou dominem o outro (McCloud, 1993). Trabalhar em *Amor de Gringo* foi um exercício constante de humildade e de tomar consciência das complexidades, para encontrar esse fino equilíbrio. Requer uma atenção constante das interações entre imagem e texto e o que acontece quando eles se encontram para correpresentar significados (Sousanis, 2015). Finalmente tive que abrir mão do uso de citações literais e da exatidão, ainda que mantendo o compromisso de traduzir, tanto quanto possível, a integridade do trabalho de campo etnográfico, e “a etnografia como conhecimento profundo sobre uma determinada posição social” (Cerwonka e Malkki, 2007, p. 27). Como muitos já disseram, essa mídia permite representações significativas de experiências subjetivas complexas, no cruzamento de realidades sócio-políticas mais amplas (Hathaway, 2011). Me

interessei pelo potencial de graphic novels e quadrinhos para narrar a antropologia de outra forma, a partir de meu próprio interesse nascente em ler graphic novels, em um cruzamento de biografia e história ou engajando com questões sociais complexas - por exemplo *Fun Home*, de Alison Bechdel (2006), *Persepolis*, de Marjane Satrapi (2007) ou *Maus*, de Art Spiegelman (1991). Essas graphic novels deixaram em mim como leitora, uma impressão duradoura, por sua capacidade de produzir conhecimento afetivo - maneiras de saber, que contam com nossas experiências e nos permitem “sentir com” os outros. Eu também queria deixar os leitores com a sensação de como era Ponta Negra, especialmente para as mulheres negociando na economia do turismo sexual. Também achei que uma graphic novel seria o meio ideal para desfazer mitos existentes sobre o turismo sexual, em especial sobre as vítimas sexualizadas, dada a circulação global de imagens gráficas sobre turismo sexual que são tão profundamente afetivas. Senti que devia acionar o mesmo modo visual, mesmo sendo que desejo provocar nos meus leitores algo distinto das políticas afetivas comuns nas representações visuais do turismo sexual.

Enquanto trabalhava no projeto, meu entendimento do que constitui a integridade do campo mudou, e enfim avancei mais para ficcionalização, em parte por questões narrativas e também porque a mídia se presta muito bem para uma difusa linha entre ficção e realidade (por exemplo, Hamdy e Nye, 2017; Galman, 2019). Como em outros trabalhos de ficção etnográfica, a graphic novel-etnográfica permite que o autor tome “liberdades com a realidade” (Hecht, 2006, p. 8), enquanto ainda evoca o rigor das observações e interações da pesquisa. No meu caso, a história - embora em parte ficcional - se baseia em minhas extensas experiências, encontros e interações etnográficas no decorrer do trabalho de campo, e continua sendo uma tentativa de recontar o que aprendi - mediado por meus posicionamentos, pontos de vista e direcionamentos. Com o objetivo de construir uma história mais coerente e envolvente, acabei alterando a linha do tempo dos acontecimentos e criando interações e diálogos entre personagens que não ocorreram da exata maneira como são narrados. Também mescliei características e experiências de diferentes pessoas em personagens únicos, em parte por fins narrativos, mas também para proteger as identidades de pessoas com quem conduzi a pesquisa, pois as descrições gráficas podem desencadear memórias e sentimentos de reconhecimento, para aqueles familiarizados com Ponta Negra em 2007/2008 e 2014. Muitos aspectos dos personagens também são fictícios, como idade, cidade natal, tempo passado em Brasil/Europa, relacionamentos entre eles e nacionalidades (no caso de homens estrangeiros). Exceto por alguns pontos de referência - como bairros de Ponta Negra, o *shopping center* ou a praia - também alterei nomes de restaurantes, bares e casas noturnas. *Amor de Gringo* ainda assim, conta a história da minha pesquisa, é profundamente baseado em meus encontros, mas a relação entre verdade e ficção é difusa.

A graphic novel também situa Eva, a antropóloga, como parte da história e como narradora, para envolver os leitores na etnografia como um processo de pesquisa situado, incorporado e fundamentado em pontos de vista específicos (Behar e Gordon, 1995; Cerwonka e Malkki, 2007; Haraway, 1988). Como narradora, Eva apresenta as experiências das mulheres tendo como pano de fundo várias intervenções equivocadas de autoridades, organizações locais e ativistas contra o turismo sexual, que tentam resgatá-las ou apagá-las da visibilidade pública. Portanto, minha visão é aparente nas escolhas que faço sobre como contar essa história e o que contar. Uma visão, como sugere Donna Haraway, pressupõe o poder de ver. Como ela nos informa: “não existe fotografia sem um mediador, ou câmera escura passiva nos relatos científicos de corpos e máquinas, existem somente possibilidades visuais muito específicas, cada qual com uma maneira incrivelmente detalhada, ativa e parcial de organizar mundos” (1988, p. 583). A ótica particular e específica que incorporei, também não é perfeita. Se pessoalidade é a condição para

entender na etnografia (Cerwonka e Malkki, 2007), então um compromisso com o conceito de personalidade complexa (Gordon, 1997) dificulta ainda mais, tanto meu posicionamento, quanto minhas tentativas de contar a vida de outros. Como sugere a socióloga Avery Gordon, personalidade complexa implica o reconhecimento de que as vidas das pessoas são ao mesmo tempo simples e cheias de complexidades significativas, que “todas as pessoas (embora de formas específicas cuja especificidade por vezes é tudo) lembram e esquecem, são assoladas por contradições, reconhecem e não reconhecem a si mesmas e aos outros” (1997, p. 4). Para Gordon, isso também significa, que experiências subjetivas nem sempre são mapeadas claramente em estruturas sociais existentes. Como conto uma história coerente do “turismo sexual” vivida e experimentada, enquanto permaneço consciente das voltas e reviravoltas que ultrapassam simples categorias sociais? Para antropólogos, personalidades complexas se tornam aparentes na desordem da vida cotidiana, à medida que participamos dela por meio da etnografia. A antropóloga Danilyn Rutherford (2012), aponta para essas tensões quando propõe abraçar o que chama de “empirismo excêntrico”, um pedido para que se perceba que uma das forças da antropologia, diz respeito à sua capacidade de traduzir o empírico de modo único por causa de seus métodos e ética, que criam obrigações, e as reivindicações da verdade que vêm com esse senso de obrigação (2012, p. 465). Ela sugere, que esse tipo de compromisso também implica ceticismo e dúvida, pois o empirismo excêntrico “corrói a certeza, bem como a sua consciência” (2012, p. 468). Como ela diz: “cada observação é assombrada por uma multiplicidade de lugares e tempos” (p. 471) - uma assombração que vivenciei nitidamente ao fazer *Amor de Gringo*, talvez tendo em conta como os desenhos evocam o real mesmo enquanto o transformam, o que torna a vida social mais maleável, apesar de suas contradições, ambiguidades, incertezas e divisões.

## O PROCESSO DE PESQUISA

A graphic novel - embora em parte ficcional - é amplamente baseada nos dois períodos de pesquisa etnográfica que conduzi. Nesta seção, detalho ainda mais a metodologia por trás do conhecimento que entrou na história. Começando com o extenso trabalho de campo que conduzi em 2007/2008 para minha dissertação.

### TRABALHO DE CAMPO EM PONTA NEGRA (2007/2008)

Entre julho de 2007 e junho de 2008 conduzi uma pesquisa etnográfica no distrito turístico de Ponta Negra, onde vivi e me empenhei em observação participante em espaços frequentados por mulheres brasileiras e homens estrangeiros - principalmente europeus - como bares, clubes noturnos, restaurantes, shopping centers, cibercafés e praias. Interagi durante muitos meses com diversas brasileiras e também conduzi entrevistas abertas com 27 mulheres<sup>1</sup> para complementar minhas observações e nossas conversas constantes. Algumas das mulheres de quem eu era próxima nunca concordaram em fazer uma entrevista formal gravada, mas ainda assim voluntariamente compartilharam aspectos de suas vidas por meio de conversas informais ao longo de um extenso período de tempo. Outras mulheres continuamente compartilharam

---

<sup>1</sup> As entrevistas foram todas gravadas, exceto por uma com um turista que solicitou que eu tomasse notas escritas. As brasileiras que entrevistei tinham entre 18 e 38 anos de idade, a maioria estava na casa dos 20 anos com a média sendo 27 anos. Nenhuma delas tinha frequentado universidade, mas três tinham Curso Profissionalizante (por exemplo Técnica em Enfermagem e Cabeleireira). Quinze tinham diploma de Ensino Médio (todas de escolas públicas). Das demais 12 mulheres, seis tinham Ensino Fundamental completo e seis somente frequentaram a escola brevemente. A maioria das mulheres vinha de lares pobres. Dezenove das 27 entrevistadas tinham filhos (entre um e quatro, sendo a média dois filhos por mulher, a maioria bebês ou com idade para estar na pré-escola). Das 19 mulheres que tinham filhos, sete os tiveram com um estrangeiro.

suas experiências. Essas trocas, longas e informais, que embasam minhas principais informações etnográficas e o conteúdo que encontrou seu caminho até a graphic novel. Também conversei com dezenas de homens estrangeiros, realizei 15 entrevistas abertas formais com eles (11 turistas e 4 imigrantes). Adicionalmente, entrevistei pessoas cujas vidas tinham sido impactadas pela economia do turismo sexual, incluindo residentes locais, trabalhadores informais da indústria do turismo, empresários, funcionários de ONGs, a liderança da ASPRO-RN (associação local de profissionais do sexo) e vários ativistas, ainda me empenhei em conversas informais com muitos mais.

Em Ponta Negra passei a maior parte do tempo conduzindo observação participante - quer dizer, tomando parte no dia a dia da economia do turismo sexual e convivendo nos espaços onde turistas estrangeiros e brasileiras estavam para se encontrar<sup>2</sup>. A praia era um desses espaços que eu frequentava quase diariamente, sozinha ou com um grupo de brasileiras que já conhecia. A praia tinha espaços sociais distintos. Por exemplo, perto do Morro do Careca, o lado calmo da praia era frequentado por pescadores locais que voltavam com suas jangadas da pescaria em alto mar, crianças da Vila que brincavam nas ondas ou na areia, e turistas brasileiros. No lado oposto, onde a Via Costeira começa, hotéis de classe média alta e de classe alta diretamente em frente à praia atraem turistas brasileiros mais ricos e turistas europeus, incluindo casais, famílias e grupos de amigos homens e mulheres. O trecho mais lotado estava localizado ao lado da rua Erivan França, uma rua de mão única com prédios somente no lado mais distante em frente à praia. Ao longo deste trecho algumas áreas se destacavam por atrair quase que exclusivamente homens estrangeiros e mulheres brasileiras querendo se encontrar. Havia o lugar dos noruegueses onde o sistema de som artesanal tocava música norueguesa, e outros pontos conhecidos por atrair turistas espanhóis e italianos. Neste trecho que concentrei minhas atividades de observação participante e estes espaços estão caracterizados nas ilustrações e são fáceis de localizar no mapa.

Na rua Erivan França havia um importante ponto de encontro para brasileiras e estrangeiros, em especial no início da tarde, e na história transformei esse local no ficcional Ondas & Dunas Bar. Frequentei esse bar quase todos os dias, as vezes por alguns minutos (quando haviam poucos frequentadores ou para conversar com algum conhecido) e outras vezes passava algumas horas por lá. As primeiras vezes que fui sentei sozinha, um tanto sem jeito, me sentindo deslocada. No entanto, raramente ficava sozinha, pois alguém sempre me convidava para sentar em sua mesa (estrangeiros e brasileiras). Após algumas semanas, as brasileiras que frequentavam regularmente a praia de Ponta Negra e os bares em busca de estrangeiros, me reconheciam e convidavam para ficar com elas.

As mulheres passavam o início da noite na preparação para a balada e acompanhei essas atividades de tempos em tempos com um algumas delas, em especial aquelas que viviam próximas ao apartamento que eu alugava<sup>3</sup>. Como aparece na história, as mulheres discutiam a balada e os estrangeiros com quem namoraram ou que pagaram por sexo e ofereciam dicas e conselhos umas para as outras. Essas conversas íntimas me deram uma visão mais aprofundada sobre a ambiguidade e complexidade de seus costumes e permitiram testemunhar outras

---

<sup>2</sup> O enfoque foi em encontros sexuais heteronormativos entre mulheres locais e turistas homens, dada a predominância, hipervisibilidade e o pânico moral envolvido. Leitores interessados em relacionamentos não normativos e turismo sexual queer no Brasil podem procurar os trabalhos de Williams (2013) e Mitchell (2016).

<sup>3</sup> Eu vivia na Ponta do Alto, perto da Vila. Por propósitos narrativos e para destacar nossas diferenças socioeconômicas, na história meu apartamento fica localizado num conjunto residencial de classe média, em contraste com Carol, na Vila mais pobre onde muitas das mulheres que eu conhecia moravam.

dimensões de suas vidas, incluindo o trabalho emocional e corporizado que realizam diariamente.

A vida noturna em Ponta Negra geralmente começava após as 22h e terminava nas altas horas da madrugada. Esse ritmo era cansativo e muitas mulheres comentavam da dificuldade em manter essa rotina de forma constante. Conduzi a observação participante na maioria dos clubes noturnos e bares (cerca de doze), mas eventualmente optei por aqueles que atendiam mulheres brasileiras e homens estrangeiros. Incluídos dois bares pequenos com temas tropicais (esses bares estavam sempre abrindo e fechando, então na história escolhi fundir no Paraíso os dois principais). Por volta de meia noite os interessados em estender a noitada iam para algum dos poucos clubes noturnos da área - por propósitos narrativos, na história me concentro no mais popular, que transformei no ficcional Lagoa, mas outros também foram foco de minhas observações.

O Alto, principal área de entretenimento de Ponta Negra, também era um local de diversidade social constituído por vários bares, restaurantes e clubes noturnos que atendiam locais e turistas, incluindo bares frequentados principalmente por estudantes, jovens profissionais e brasileiros de classe média. O Lagoa, localmente associado ao turismo sexual, não era um espaço exclusivamente para pegar alguém, nem para negociar diretamente a troca de sexo por dinheiro, pelo contrário, brasileiras e estrangeiros também flertavam, conversavam, dançavam, ficavam e por aí. Outros bares também eram locais de trocas diversas, mesmo quando se apresentavam como mais “respeitáveis”. Eu passava de três a quatro noites por semana nos bares e clubes, conversando com diferentes grupos de pessoas ao longo da noite, ou sentada no bar observando o que estava acontecendo.

#### ME SITUANDO NO CAMPO (2007/2008)

Minha presença nestes espaços gerou alguma perplexidade: minha reivindicação de ser uma antropóloga conduzindo uma pesquisa era recebida com sorrisos suspeitos, flertes e risadas, e algumas vezes perguntaram se eu estava trabalhando (como garota de programa)<sup>4</sup> ou interessada em sexo com mulheres. Alguns desconfiavam que a pesquisa era uma desculpa para justificar minha presença nestes espaços altamente sexualizados. Essas experiências revelam, que apesar da óbvia e dominante natureza heterossexual da maioria dos locais turísticos em Ponta Negra, desejos sexuais e encontros mais complexos também permeavam esses espaços. Ao mesmo tempo, por ser mulher - ainda que estrangeira - algumas vezes me consideravam como rival na atenção dos estrangeiros. Além disso, as mulheres nos bares e clubes não se identificavam como uma coletividade (mesmo aquelas que se conceituavam como garotas de programa) e mantinham distância da associação local de profissionais do sexo. Para abordar as mulheres eu não podia contar com o trabalho de divulgação de associações locais ou ONGs, pois estes não realizavam ações de assistência em Ponta Negra. Em lugar disso, tinha que desenvolver novas relações constantemente, o que por vezes era difícil, pela forma como as mulheres tendem a se identificar com um grupo. Uma vez que me tornei próxima de algumas mulheres, era vista como parte desse grupo, e se tornou difícil conhecer outras mulheres além da convivência comum. A possibilidade de ficar mais próxima de algumas mulheres limitou

---

<sup>4</sup> Garota de programa, termo coloquial que se refere à profissional do sexo ou acompanhante de classe média. De acordo com Piscitelli “a palavra programas (plural) designa o explícito acordo de troca de serviços sexuais por dinheiro, incluindo preços, práticas e duração dos encontros” (2007b, p. 491). Algumas vezes é usado de maneira intercambiável com prostituição, mas também pode ter a conotação de prostituta de classe média, incluindo prostituição em clubes noturnos (Gaspar, 1985) ou ainda prostituta de alta classe, como serviços de acompanhantes (Rohter, 2006).

minha capacidade de alcançar um grupo maior. Acredito que para as mulheres de quem fiquei próxima eu era uma companhia estranha, mas não ameaçadora, pois era uma presença discreta enquanto elas trabalhavam e se divertiam com os homens, principalmente porque elas, em geral, não gostavam de sair sozinhas na noite.

Quando meu marido Billy se juntou a mim para os últimos cinco meses de trabalho de campo (fins de janeiro a junho), o contratei como assistente de pesquisa. Billy conduziu a observação participante em bares, clubes noturnos, restaurantes e na praia, uma dezena de vezes. Ele escrevia notas de campo e me contava suas observações e as conversas que tinha com turistas que falavam inglês. A experiência dele foi diferente da minha, pois ele se misturava com mais facilidade nos bares e clubes, enquanto homem europeu de pouco mais de trinta anos, que corresponde à demografia do turista médio. Na verdade, quando frequentávamos os bares juntos passávamos por um casal brasileira/europeu aos olhos de alguns turistas (mas não dos brasileiros). Assim, os encontros com estrangeiros eram mediados pela posição dele no campo: baseado na sua identidade percebida de turista europeu, homens estrangeiros falavam com ele de maneira diferente do que falariam comigo. Por exemplo, um turista espanhol uma vez falou: “deve ser difícil estar aqui com sua esposa!”, pois presumiu uma experiência compartilhada nos bares e clubes noturnos de Ponta Negra, pelo fato de serem homens europeus. Vale ressaltar, contudo, esses estrangeiros faziam mais do que comentar grosseiramente sobre os corpos das mulheres ou orgulhosamente discutir suas proezas sexuais, como alguém pode presumir. Ao invés disso, eles revelavam para Billy complexos apegos emocionais às brasileiras, compartilhavam histórias de decepção ou de afeição profunda, confidenciavam desejos de relacionamentos duradouros e o sentimento de perda de poder e não se sentiram atraentes no regresso para casa. Assim como na graphic novel, de muitas maneiras, as conversas que ele teve com os homens complementaram e corroboraram as minhas, e ajudaram a dar maior profundidade às descobertas etnográficas, bem como confirmaram meu entendimento das práticas deles.

## COLABORAÇÕES

Durante o período da pesquisa de campo desenvolvi vínculos colaborativos com Lita (Marta Bertrand Galarza), uma estudante de ciências sociais da Espanha, que fazia um estudo piloto sobre turismo sexual em Natal. Ela passou seis semanas em Ponta Negra entre os meses de agosto e setembro e alugou um apartamento no meu prédio. Nós combinamos uma colaboração, embora estivéssemos trabalhando em projetos separados, e durante essas poucas semanas fomos juntas aos bares, clubes, restaurantes e praias. Conduzimos cinco entrevistas juntas, discutimos impressões e observações e compartilhamos notas de campo. Também foi proveitoso conduzir minhas observações com outra mulher e estudante estrangeira. Essa colaboração foi especialmente produtiva para confirmar padrões que eu havia observado em Ponta Negra, e integrou minha pesquisa de várias maneiras, embora não tenha sido colocada na história por propósitos narrativos.

Também desenvolvi uma relação colaborativa com o Coletivo Leila Diniz, um coletivo feminista crítico da maneira como as campanhas, estatais e não estatais, contra o turismo sexual deslocavam questões importantes como desigualdade estrutural, falta de oportunidades de trabalho e desequilíbrio nos benefícios do desenvolvimento do turismo. O coletivo forneceu suporte institucional, intelectual e emocional enquanto estive em Natal. Me mostraram a vizinhança, ajudaram a encontrar um lugar para ficar, me apresentaram para figuras-chave em Natal, que se opõem ao turismo sexual, e me deram uma visão de suas experiências como residentes de classe média de Ponta Negra. Fui convidada a participar de alguns grupos de

leitura, apresentei para eles minhas descobertas e tivemos profícuas trocas intelectuais. Também acompanhei o coletivo no Fórum Social Nordeste em Salvador, na Bahia, uma versão regional do Fórum Social Mundial. No Fórum, participei de reuniões que abordavam o turismo sexual e/ou tráfico sexual. Participei com o coletivo de outros eventos em Natal, incluindo fóruns públicos e protestos. Admiro profundamente o trabalho crítico feito por esse grupo de feministas progressistas. Embora na época o coletivo somente se ocupasse do turismo sexual de modo indireto, ele oferecia uma alternativa indispensável ao generalizado pânico moral em torno do assunto, por meio de críticas aos danos causados para as garotas de programa locais pelas mobilizações contra o turismo sexual (Azevedo, 2005).

Por fim, como parte de meu esforço para documentar a oposição ao turismo sexual entrevistei diversos ativistas, governamentais e não governamentais, contra o turismo sexual. Não antecipei encontrar oposição ao turismo sexual por parte de comerciantes locais, dados os benefícios econômicos que esse turismo comumente gera para eles. No entanto, alguns se opunham, eles tendiam a atender uma clientela de brasileiros de classe média. Além de entrevistar donos de bares, restaurantes e hotéis que faziam campanha contra o turismo sexual, também consultei websites, visitei estabelecimentos e coletei seus materiais de campanha. Outra estratégia foi consultar arquivos de jornais sobre turismo sexual coletados pela ONG local Resposta, na sua sede em Natal. Fiz pesquisas adicionais, por busca na internet, nos jornais Diário de Natal e Tribuna do Norte, para entender o contexto que deu origem à oposição ao turismo sexual, e ter noção dos debates públicos sobre o tema, além de documentar várias reações, intervenções e campanhas que se seguiram. Através das diversas estratégias de pesquisa pude explorar as campanhas de vários ângulos e situá-las dentro do contexto político local. Esta análise também ajudou a situar as campanhas que surgiram com a chegada da Copa do Mundo de 2014.

#### COPA DO MUNDO DE 2014

Em 2014, retornei a Natal para realizar a pesquisa etnográfica durante dois meses: antes, durante e depois da Copa do Mundo. Como uma das 12 cidades sede, Natal foi local de muitas ações de marketing e campanhas com ênfase renovada em mobilização contra o turismo e tráfico sexual. Meu objetivo era realizar uma análise etnográfica dessas campanhas - ou seja, mapear seus efeitos empíricos, dando particular atenção ao papel das emoções públicas na mobilização contra o turismo e tráfico sexual.

A primeira e fundamental etapa neste projeto foi acompanhar e analisar as diferentes campanhas, inclusive a presença na internet, o uso de mídias sociais, parcerias e manifestações públicas. Participei de reuniões, debates públicos e protestos de diversas organizações. Também realizei entrevistas com 25 militantes incluindo estudantes, ativistas feministas, personalidades religiosas, sindicalistas, funcionários de ONGs, políticos, funcionários públicos e burocratas. Múltiplas campanhas coexistiram e tiveram grupos diferentes envolvidos e foi difícil acompanhar todas - algumas contra o tráfico de mulheres, outras contra a exploração sexual de crianças, outras contra o turismo sexual. Muitas apoiavam implicitamente medidas contra a prostituição, e vários dos entrevistados eram a favor de ampliar a criminalização e repressão policial, para acabar com o turismo sexual.

Neste retorno tentei localizar diversas mulheres que havia entrevistado previamente - de modo geral sem sucesso. Encontrei duas delas e entrevistei uma. Entrevistei 11 brasileiras que se identificavam como garotas de programa, enquanto também passava tempo em bares e na praia observando e conversando com brasileiras e turistas - mas não na mesma profundidade

que em 2007/2008, pois o objetivo de minha pesquisa era mais centrado nos ativistas. Eu percebi, durante o trabalho de campo, a dramática queda do turismo europeu e ausência de espaços e áreas ambíguos para brasileiras e estrangeiros se encontrarem, na praia ou no Alto - em nítido contraste a 2007/2008, quando brasileiras e estrangeiros flertavam e interagiam de diversas maneiras, de forma contínua, em espaços abertos e amorfos, ao invés de espaços reservados exclusivamente para prostituição. Em 2014 esses encontros estavam restritos a um conjunto fechado de pequenos bares ao ar livre conhecidos como praça, no Alto de Ponta Negra, mas escondidos por paredes imensas. O que tornava garotas de programa e gringos invisíveis aos transeuntes e clientes de bares e restaurantes próximos, e transformava os relacionamentos ambíguos em trocas de sexo por dinheiro, sem rodeios. Enquanto para algumas mulheres foi bem-vinda a clareza das transações, muitas outras lamentaram a ausência de espaços indefinidos para encontrar estrangeiros, pois esses lugares tinham um papel central em seus projetos de auto transformação e mobilidade socioeconômica. Elas também se sentiam mais pressionadas a sair imediatamente e com maior limitação na possibilidade de escolher entre os homens, dado que menos homens frequentavam esses espaços mais estreitamente ligados à prostituição - muitos chegavam e pediam para sair o quanto antes, sem tempo para avaliarem um ao outro.

Durante esta visita fiquei chocada com as mudanças drásticas que aconteceram na minha ausência, especialmente para as mulheres que buscavam conhecer estrangeiros e se sustentar com esses encontros. Enquanto caminhava por Ponta Negra senti como se, até certo ponto, campanhas anteriores contra o turismo sexual conseguiram fazer desaparecer a prostituição (e a juventude marginalizada) dos espaços públicos de Ponta Negra, o que destituía ainda mais as mulheres que conheci. Portanto, pareceu importante contar a história das campanhas de 2014 na graphic novel e reconhecer as maneiras pelas quais, mudanças nas oportunidades e restrições socioeconômicas, intermediam as experiências no turismo sexual.

## APÊNDICE 3

### CONTEXTO DE *AMOR DE GRINGO*

#### Turismo Sexual

#### O QUE É TURISMO SEXUAL?

A resposta a essa pergunta não é simples, e enquanto a graphic novel oferece algumas respostas possíveis, o significado do termo não é necessariamente um consenso, e depende imensamente do contexto. Comumente, o termo “turismo sexual” remete à prostituição que é voltada a uma clientela de turistas. O termo também, como regra, tem gênero, como “prostituição” e “trabalho sexual” fica subentendido que se refere a turistas *homens* e *mulheres* locais. Termos como “turismo sexual gay” ou “turismo sexual feminino” salientam o gênero implícito em “turismo sexual”. Uma imagem habitual do turismo sexual na cultura popular é de um homem branco, mais velho e mais abastado, explorando mulheres jovens, vulneráveis, racializadas e exóticas. Imagem que possivelmente está enraizada na origem do termo. De fato, o termo surgiu nos anos 1980 para se referir a práticas envolvendo a troca de sexo por benefícios materiais, no contexto do turismo no Sudeste da Ásia (Kempadoo e Ghuma, 1999, p. 291). Desde



então, é muito debatido qual o significado do termo, incluindo quão diferente/semelhante ele é para trabalho sexual ou turismo romântico (p.ex., Sanchez Taylor, 2001). Muitas vezes, especialistas descrevem turismo sexual como ambíguo e impreciso (Brennan, 2004; Cabezas, 2009; Cohen, 1982; Frohlick, 2013; Fusco, 1998; Padilla, 2007; Stout, 2014), inclusive no Brasil (Cantalice, 2011; Carrier-Moisan, 2015, 2018; Mitchell, 2016; Piscitelli, 2007b; Silva e Blanchette, 2005; Williams, 2013). Para muitos deles, o que distingue o turismo sexual é exatamente que ele supera a simples troca de sexo por dinheiro (para uma fascinante exceção veja Rivers-Moore, 2016). Em Ponta Negra, como mostrado na história, é em parte *porque* os relacionamentos não eram claramente definidos pela troca de sexo por dinheiro, que eles eram atraentes tanto para brasileiras quanto para estrangeiros.

Ao mesmo tempo, em Ponta Negra “não ao turismo sexual” com frequência significava “não à prostituição”, embora isto não fosse sempre explicitado. Muitas vezes, o termo “turismo sexual” era usado porque evocava a imagem de garotas jovens sexualmente exploradas por estrangeiros pervertidos, mas o que muitos ativistas se opunham, na prática, era à presença de mulheres que, na percepção deles, não pertenciam aos espaços brancos de classe média. Neste contexto, o que as pessoas querem dizer quando falam a respeito de turismo sexual ou se engajam em campanhas para restringi-lo tem enorme importância. Como é visível na graphic novel, o que é entendido como turismo sexual se traduz em campanhas governamentais e não governamentais, intervenções da polícia, fiscalização, reprovação pública, processos discriminatórios e estigmatização. Turismo sexual pode assim, ser entendido como um domínio de poder e saber (Foucault, 1991), na medida em que é produtivo e construtivo das maneiras pelas quais as pessoas se relacionam umas com as outras e consigo mesmas. Na sequência, rastreio a construção do turismo sexual como um interesse público em Natal, através de momentos chave e articulações, apontando para formas específicas pelas quais o turismo sexual se tornou conhecido por lá.

## A CONSTRUÇÃO DO TURISMO SEXUAL COMO PREOCUPAÇÃO PÚBLICA EM NATAL

A construção do turismo sexual como preocupação pública em Natal segue um padrão similar ao resto do Brasil.<sup>5</sup> Começou com enfoque na exploração sexual de crianças e adolescentes no contexto do turismo, que se tornou uma questão de destaque no mundo no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, sobretudo seguindo o influente trabalho de organizações internacionais como da *End Child Sexual Exploitation - ECPAT (Eliminação da Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes)*. A ECPAT enxerga o comércio sexual como uma autorização para abusadores sexuais de crianças, uma visão que era e continua sendo articulada em suas campanhas e que levou à aprovação de medidas contra a prostituição, para combater a exploração sexual de crianças em vários países, incluindo o Brasil (Kempadoo e Ghuma, 1999; Potheary, 2014). Mesmo assim, Natal se destacou nacionalmente, em parte, por ser a *primeira* cidade brasileira a adotar o *Código de Conduta para a Indústria do Turismo Contra a Exploração Sexual de Crianças*, da ECPAT, em 2001. Enquanto supostamente destinado a crianças, o código incentiva uma conduta ética que é direcionada a todas formas de turismo sexual (Resposta,

---

<sup>5</sup> Turismo sexual não era um assunto de preocupação pública no Brasil. Pelo contrário, durante os anos 1960 e nas três décadas seguintes a Embratur, Agência Nacional do Ministério do Turismo, criada durante a ditadura militar (1964-85), promovia a imagem do Brasil como um paraíso tropical. Os quatro elementos do turismo internacional (conhecidos como quatro S: *sun, sea, sand and sex*) são: sol, mar, areia e sexo (Crick, 1989), e no Brasil a estratégia de marketing recorreu à imagem da “mulata”, vista como personificação da nação. Mesmo que a agência estatal fosse a “criadora da imagem da nação brasileira” (Alfonso, 2006; veja também Gilliam, 1998) ou uma “amplificadora de elementos de identidade pré-existentes” (Sacramento, 2018, p. 199; veja também Blanchette e Silva, 2010), o Estado brasileiro não estava, à época, preocupado com o que mais tarde seria conhecido como “turismo sexual”.

2010). Em Natal, especialmente em Ponta Negra, muitos estabelecimentos comumente expunham sua adesão ao código, juntamente com alegações de repúdio ao turismo sexual, normalmente entendido como prostituição. Embora essa confluência não seja única a Natal ou ao Brasil, ela se manifestou de forma singular em Ponta Negra, bairro do entretenimento, onde donos de bares e restaurantes de classe média, usaram a oposição ao turismo sexual e o código da ECPAT para banir *algumas* mulheres, como mostrado na graphic novel.

A luta contra o turismo sexual no Brasil também se intensificou com a preocupação internacional com o tráfico humano, em particular o tráfico sexual, que ganhou força no início do milênio<sup>6</sup>. Um momento decisivo foi a adoção do *Protocolo de Palermo para Prevenir, Suprimir e Punir o Tráfico de Pessoas, Especialmente Mulheres e Crianças* da ONU em 2000, que o Brasil ratificou em 2004. Em oposição ao *Protocolo de Palermo* - em que coerção, embora passível de interpretação, é entendida como componente necessário ao tráfico e onde tráfico se aplica a várias formas de exploração do trabalho (Oliveira, 2008; Silva et al., 2013)<sup>7</sup> o código penal brasileiro é concebido de tal maneira que qualquer pessoa que ajude uma profissional do sexo a atravessar fronteiras pode ser considerado traficante, e somente exploração no contexto da indústria do sexo é reconhecido como tráfico (Piscitelli, 2007a). Esta interpretação legal levou a uma ênfase no movimento transfronteiriço de brasileiras que buscam trabalhar na indústria do sexo, e é neste contexto que locais comumente associados ao turismo sexual no Brasil (como Ponta Negra/Natal) passaram a ser vistos como “portões de entrada” (Williams 2011, p. 193) para o tráfico sexual, com o qual tanto o turismo sexual como o tráfico de seres humanos vieram a ser confundidos.

Durante o primeiro mandato como presidente do Brasil, Luíz Inácio Lula da Silva intensificou o combate ao tráfico sexual e à exploração sexual de crianças por meio de missões policiais de resgate que tocaram em preocupações com segurança humana e humanitarismo global, mas também atingiram profissionais do sexo (Amar, 2009; Grupo Davida, 2005). Estas iniciativas eram parte dos esforços do presidente para mudar a imagem do Brasil de “uma das sociedades mais injustas e desiguais do planeta para reivindicar o status de modelo global de justiça social, humanidade e segurança” (Amar, 2009, p. 514). As missões de resgate da polícia pavimentaram o caminho para a aceitação pública de intervenções contra a prostituição como maneira legítima de reduzir, tanto o tráfico sexual, quanto a exploração sexual de crianças, inclusive em Natal.

Contudo, como explorei em outra obra (Carrier-Moisan, 2013), o tema do turismo sexual se tornou uma grave preocupação para Natal, em especial, na esteira das revelações de uma reportagem infiltrada da rede nacional de televisão Globo, em março de 2016, que foi amplamente divulgada em artigos de jornais, na televisão brasileira e na internet (Globo, 2006a, 2006b, 2006c, 2006d, 2006e). A cobertura midiática também causou furor na Europa e foi destaque no jornal espanhol *El Mundo* (Marin, 2006), rotulando Natal de euro-prostíbulo, um título que prejudicou a imagem da cidade. Em resposta a acusações de cumplicidade (na pior) e inércia (na melhor das hipóteses), a prefeitura, em conjunto com o estado do Rio Grande do Norte, de repente, se tornaram muito ativos. Realizaram uma audiência pública e elaboraram um plano contra o turismo sexual que incluía uma operação chamada *Ponta Negra Livre*

---

<sup>6</sup> Essa preocupação é remanescente de uma anterior, com o tráfico de mulheres, conhecido como “escravidão branca”, do final do século XIX e início do século XX. (Doezema, 2010; Piscitelli, 2004a; Silva et al., 2013).

<sup>7</sup> Contudo, isso não significa que o protocolo seja isento de problemas conceituais - ele não especifica o que exploração e coerção significam, enfatiza prostituição e, como proposto por Silva et al., “simbolicamente coloca mulheres adultas como equivalentes, em direitos e vulnerabilidades, a crianças” (2013, p. 391).

(Dickson, 2006). A operação, como destacado na graphic novel, consistia de uma série de batidas e espetacularização do uso das forças policiais no combate ao turismo sexual (que por si só continuou indefinido e ambíguo). Quase todos em Ponta Negra recordavam nitidamente destas batidas no ano seguinte, quando conduzi o trabalho de campo. As duas saídas da rua principal, Erivan França, ao longo da praia foram obstruídas, enquanto policiais revistavam bares e restaurantes e prendiam dezenas de turistas estrangeiros. As batidas eram aclamadas como um sucesso emblemático na luta contra o turismo sexual, ainda que o maior delito cometido pelos estrangeiros detidos tenha sido se encontrar sem os passaportes e nenhum crime relativo à exploração sexual de menores foi descoberto (Bezerra e Lopes, 2006). O combate ao turismo sexual em Natal consequentemente envolvia uma zona cinza, permitindo que a força policial limitasse a prostituição (apesar de o trabalho sexual não ser ilegal no Brasil).

As batidas não duraram muito, mas deixaram sua marca na paisagem urbana como uma demonstração simbólica da atuação do estado contra o turismo sexual. Elas fizeram parte de uma mobilização maior que incluía a campanha municipal *Pare o turismo sexual*, que aparece na graphic novel e cujo objetivo era, mais uma vez, deixado ambíguo. Mas o Estado não estava sozinho, população local, empresários e ativistas com um amplo espectro de afiliações também se empenharam. Embora motivada por interesses diversos, a militância com frequência se manifestava em mobilizações contra a prostituição e algumas vezes, implicitamente, contra pobres/negras - um elemento que acredito que só foi possível porque o significado de turismo sexual foi deixado ambíguo e indefinido na maioria das campanhas.

#### TURISMO SEXUAL CONTRA POBRES E NEGRAS

Em Natal, o termo turismo sexual não foi identificado somente com gênero, ele também tinha classe e foi racializado, como se percebe na graphic novel. Se aplicava mais a *algumas* mulheres locais do que outras. Raramente, se é que aconteceu, a homens locais e mulheres turistas. A antropóloga Erica Lorraine Williams (2013, p. 3), na sua etnografia sobre o turismo sexual em Salvador, Bahia, aborda “as amplas e abrangentes repercussões do turismo sexual que vão muito além de autodeclarados ‘profissionais do sexo’ ou ‘turistas sexuais’”, o que ela denomina o “espectro do turismo sexual”. Ela propõe que em Salvador, o turismo sexual causa ansiedades, para locais e estrangeiros, por causa de suspeitas sobre a natureza dos relacionamentos. No entanto, as ansiedades são ampliadas pela suposição da disponibilidade sexual, racializada e de gênero - em particular pela ligação de corpos de mulheres negras com promiscuidade sexual e baixa reputação (veja Fusco, 1998). Em Natal também, suspeitas eram racializadas e de gênero, mas ainda de classe. Minha vizinha - uma brasileira prestes a viajar em um cruzeiro com o namorado francês - uma vez me disse “Eu odeio essa raça”, falando a respeito de algumas mulheres que havia convidado para minha última saída na noite de Ponta Negra. Ela presumiu que eram garotas de programa. Poderíamos interpretar esse comentário de diversas maneiras, certamente indica ansiedade com o turismo sexual e ela se distancia dele. Também demonstra que ela imagina garotas de programa como “outras” e como esse imaginar está ligado ao processo de racialização do qual procura se remover (significativamente, ela evitava pegar sol e pintou o cabelo de loiro em um esforço de parecer europeia ou branca). Donos de bares, restaurantes e hotéis também ligavam “mulheres negras” e “turismo sexual”, e nas entrevistas descreviam suas táticas para proibir garotas de programa locais (leia-se: mulheres racializadas como negras ou morenas e mulheres da classe trabalhadora) de entrar nos estabelecimentos, com a desculpa de combater o turismo sexual. Como documentado por pesquisadores em diferentes localidades, a oposição à prostituição normalmente aponta para práticas de inclusão e exclusão nos espaços (p. ex., Hubbard, 1999; Ross, 2010). Na Natal do

meio dos anos 2000, a luta contra o turismo sexual levou a práticas de exclusão nos espaços. Essa mobilização foi precursora de campanhas adicionais contra o turismo sexual, no meio dos anos 2010, como discuto a seguir.

#### A COPA DO MUNDO DE 2014 E A PREOCUPAÇÃO RENOVADA COM O TURISMO SEXUAL

A preocupação pública com o turismo sexual desapareceu temporariamente em Natal com a redução dramática do turismo europeu, que ocorreu de 2009 em diante.<sup>8</sup> Enfrentando a imagem manchada, e seriamente afetada pela crise financeira global de 2008, Natal virou suas atenções para o turismo doméstico e orientado para famílias (Sacramento, 2018). Em parte, a mobilização contra o turismo sexual teve sucesso, ao diminuir a visibilidade pública de práticas associadas ao turismo sexual em Ponta Negra.

Porém, a chegada da Copa do Mundo de 2014 em 12 cidades sede por todo o Brasil, inclusive Natal, renovou o interesse público com o turismo sexual. O interesse renovado resultou, da história particular de Natal com turismo sexual, e da divulgação na mídia global de uma presumida ligação entre megaeventos esportivos e tráfico sexual, mesmo sendo esta ligação não fundamentada em evidências empíricas, como vários estudos demonstraram (GAATW, 2011; Lepp, 2013; Morrow, 2008). Em Natal, a tendência internacional se traduziu em campanhas ligando tráfico sexual ao turismo sexual.

De maneira simultânea, residentes locais de classe média e empresários perceberam o megaevento que é a Copa do Mundo, como uma renovada ameaça à Ponta Negra e, portanto, uma poderosa remobilização contra o turismo sexual se espalhou rapidamente. Somente em Natal existiram pelo menos dez - diferentes e simultâneas - campanhas associadas com a Copa do Mundo sobre temas como turismo sexual, tráfico sexual e/ou exploração sexual de crianças. Os materiais da campanha incluíam outdoors gigantes, logomarcas usadas nos comércios locais, panfletos, camisetas, posters e publicidade em táxis. Ocorreram blitzes em pontos importantes, como o novo aeroporto na periferia da cidade, em shopping centers, nas principais estradas, em instalações oficiais da FIFA e outros locais específicos em Ponta Negra. Aconteceram passeatas, protestos, debates públicos e reuniões para restringir o turismo sexual e, paralelamente, intensificar a vigilância e repressão policial.

Como diversos pesquisadores tem defendido, cidades sede de megaeventos estão cada vez mais empenhadas em maneiras de criar uma determinada imagem e de “segurança espetacular” (Boyle e Haggerty, 2009; Kennelly, 2015), e Natal seguiu essa tendência. Agora apresentada no palco global em uma escala sem precedentes, Natal procurou mostrar a imagem de cidade respeitável e segura. O que foi concretizado de diversas maneiras, incluindo a mobilização de um enorme aparato de segurança no entorno dos locais da Copa do Mundo. Em parte, o combate ao turismo sexual fornecia um discurso legitimador, que justificava intensificar a segurança. Variados agentes do estado e policiais patrulhavam Ponta Negra - em helicópteros, a pé, em carros, caminhonetes ou caminhões de estilo militar. Inclusive a polícia militar participou da campanha contra o turismo sexual *Estamos de Olho*, liderada pela Igreja Católica. O contexto em 2014 era de forte policiamento e potenciais violações de direitos humanos. Mas Ponta Negra *já* havia mudado na iminência da Copa do Mundo. De fato, a chegada do megaevento esportivo possibilitou que as intervenções lideradas pelo Estado - existentes e em

---

<sup>8</sup> O número de turistas internacionais visitando Natal caiu pela metade entre 2008 e 2014. Enquanto isso, o turismo doméstico se manteve estável e até cresceu um pouco (Aeroporto de Natal, 2014; Infraero, 2010, 2014; Mendes e Vasconcelos, 2011).

curso - continuassem, mas com maior intensidade. Enquanto as campanhas contra o turismo sexual do meio dos anos 2000 tiveram “sucesso” em tornar Ponta Negra um lugar mais exclusivo, as novas campanhas buscavam consolidá-la assim, e a mobilização tinha um tom muito mais forte e explícito contra a prostituição (Carrier-Moisan, 2019). A atitude renovada e mais contundente contra a prostituição, marcou uma mudança na construção do turismo sexual como problema público em Natal, à medida que repressão estatal e policiamento intensificado tornaram-se cada vez mais normalizados e considerados publicamente aceitáveis para reduzir a prostituição. A *Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa*, ANCOP, publicou um dossiê especial sobre megaeventos e violações dos direitos humanos no Brasil. A ANCOP (2014) identificou uma fusão entre tráfico e prostituição, enquanto limitadores da mobilidade de profissionais do sexo e seu direito de trabalhar. Também apontou para os modos com que operações de limpeza nas cidades sede pelo Brasil - por missionários, ativistas contra a prostituição e o Estado - se manifestaram em tentativas de limitar o direito das profissionais do sexo ao trabalho.

Em reação à intensa repressão contra a prostituição, que atingiu o auge em torno dos megaeventos, profissionais do sexo de todo Brasil se organizaram coletivamente, baseando-se em um legado vibrante e de longa data, de mobilização por reconhecimento de direitos humanos e laborais das profissionais do sexo (Leite, 2009; Simões, 2010). Mais especificamente, elas se mobilizaram para denunciar as batidas e a violência em Niterói, cidade em frente à Baía de Guanabara, no Rio, e para combater o pânico moral e aparato repressivo ampliados em torno do tráfico sexual e os megaeventos (Blanchette et al., 2014). Uma colaboração entre pesquisadores do trabalho sexual e a organização de direitos das profissionais do sexo Davida, o Observatório da Prostituição dedicou vários artigos em blogs e relatórios a respeito desse problema em diversas cidades. Mas no bairro turístico de Ponta Negra, esse tipo de organização coletiva não foi adotado pelas mulheres com que falei durante os dois períodos do trabalho de campo. Embora muitas mulheres se identificassem como garotas de programa, elas geralmente procuravam se distanciar das profissionais do sexo que atendiam clientes locais, ao invés de turistas, e não se organizaram coletivamente como profissionais do sexo. Considerando que, a associação local de profissionais do sexo, ASPRO-RN, concentrava-se nas trabalhadoras mais vulneráveis e marginalizadas, ela também ficou de fora de Ponta Negra, que era vista como um bairro turístico lucrativo para profissionais do sexo de classe média. A falta de organização coletiva em Ponta Negra deixou uma lacuna na cidade e permitiu que a mobilização contra o turismo sexual florescesse com pouca oposição organizada. Talvez olhar para Ponta Negra e o tipo de espaço social que ela constitui, possa ajudar a abordar o contexto maior, que fez do turismo sexual um tema relevante de preocupação pública.

## PONTA NEGRA

Ponta Negra - com frequência chamada de cartão postal de Natal - também recebeu o apelido de Puta Negra, título que me foi apresentado diversas vezes como prova da magnitude do problema do turismo sexual.<sup>9</sup> Na verdade, a presença de gringos e garotas de programa em Ponta Negra perturbava a elite local e residentes de classe média assinalando essa praia urbana como menos desejável. Como evidenciado na graphic novel, as mulheres que buscavam estrangeiros eram constantemente lembradas de seu status social inferior pelos natalenses de

---

<sup>9</sup> Enquanto profissionais do sexo militantes como Gabriela Leite (2009) reivindicavam o termo “puta” como termo de auto identificação positivo, moradores de classe média que usavam o termo em conversas comigo, usavam ele de forma pejorativa, fundindo negritude com sexualidade indigna, como se um indicasse o outro - uma representação bem estabelecida no Brasil (Caufield, 2000; Golstein, 2003; Rebhun, 2004).

classe média, enquanto tentavam acessar o que a praia tinha para oferecer. A seguir, examino principais aspectos dos complexos processos que vieram a estabelecer - embora não totalmente - Ponta Negra como ponto de referência na construção de Natal como uma praia turística urbana para lazer e consumo da classe média (Lopez Júnior, 2000).

## A CONSTRUÇÃO DE UMA PRAIA TURÍSTICA URBANA

Ponta Negra ocupa, no panorama da cidade e no imaginário, um lugar próprio. Localizada a 14 quilômetros do centro da cidade, é separada deste pelo Parque das Dunas, uma Unidade de Conservação de 1.173 hectares de dunas de areia. Também é delimitada pelo Morro do Careca, uma grande duna, ponto de referência no extremo sul da praia. Até a metade do século XX, Ponta Negra era uma vila periférica a Natal. As principais atividades econômicas eram compostas pela pesca e cultivo de culturas domésticas em terras comunitárias. Essas terras foram ilegalmente expropriadas nos anos 1960, com cumplicidade do estado, do setor imobiliário e da Igreja Católica, em parte para construir o complexo militar Barreira do Inferno (SEMURB, 2008). Esse processo de tomada de terras iniciou a especulação fundiária (Sacramento, 2018).<sup>10</sup> Durante a Segunda Guerra Mundial, Natal serviu como base militar para os Estados Unidos, e alguns especialistas ligam a crescente cultura de praia de elite com a influência estadunidense (SEMURB, 2008). Nas décadas de 1960 e 1970 a elite de Natal começou a construir segundas residências em Ponta Negra. Embora a comunidade permanecesse relativamente isolada de Natal, dadas as más ligações rodoviárias, é durante este período que a praia começa a se tornar um local de atividade comercial, quando a população da Vila começa a vender produtos artesanais e criar comércios na praia, buscando outras fontes de renda depois de terem as terras expropriadas (SEMURB, 2008).

No final dos anos 1970 e início dos anos 1980, muitas políticas econômicas patrocinadas pelo Estado, para abrir o Nordeste do Brasil para o turismo, levaram a um grande desenvolvimento de infraestrutura e investimentos na região (Maciel e Lima, 2014; Sacramento, 2018). Ponta Negra se tornou o ponto principal da urbanização orientada para o turismo de Natal, primeiramente por meio da construção da Rota do Sol (i), uma estrada que liga Natal através de Ponta Negra à costa sul, e a Via Costeira (ii), rodovia de 10 a 12 quilômetros ao longo do Parque das Dunas, conectando Ponta Negra ao centro da cidade e ao sul (Lopes Júnior, 2000).

Enquanto isso a população residente também cresceu de maneira significativa, em parte pelo desenvolvimento de uma nova área residencial de classe média, que eventualmente também incluiu um shopping center, o Conjunto Ponta Negra, construído em 1979 (Maciel e Lima, 2014).<sup>11</sup> O novo contexto alterou significativamente Ponta Negra e gerou “espacialidades múltiplas” (Sacramento, 2018, p. 195) que são visíveis na graphic novel: o residencial - com estrutura de linhas retas - Conjunto e o shopping center, a área do entretenimento conhecida como Alto, a mais desordenada e empobrecida Vila (onde a antiga Vila ficava) - constantemente sendo afastada por novos desenvolvimentos residenciais - e finalmente, a praia, com a economia informal atraindo não somente frequentadores, mas também trabalhadores da Vila e de outras partes da cidade e do estado. Espacialmente marcava o início do processo de “crescimento vertical da paisagem construída” (Sacramento, 2018, p. 195), pois edifícios cresciam de maneira

---

<sup>10</sup> Esse processo de tomada ilegal de terras é conhecido como grilagem.

<sup>11</sup> Nos anos 1970 a população de Ponta Negra era aproximadamente 8.500 (Maciel e Lima, 2014), enquanto em 2007, quando a primeira parte da graphic novel acontece, Ponta Negra contava com 24.013 habitantes (SEMURB, 2008).

significativa e rápida em Ponta Negra, substituindo as segundas residências das elites locais (veja também Maciel e Lima, 2014, p. 138, que se referem a isso como um “intenso processo de verticalização”). Entre 1980 e 2000, o número de bares, hotéis e restaurantes em Ponta Negra cresceu de seis para 102 (Maciel e Lima, 2014, p. 137), indicando a rápida escala na urbanização.

#### PONTA NEGRA COMO ESPAÇO BRANCO DE CLASSE MÉDIA

Novos desenvolvimentos no início dos anos 2000 reforçaram a urbanização com ênfase no turismo. Em 2000, o município remodelou a beira-mar, ampliou o calçadão e começou a regular os recém renovados quiosques que, até então, funcionavam informalmente. Tal regulamentação era parte de um processo mais amplo de higienização que tornou Ponta Negra mais atraente para a classe média e elite de Natal. Em 2000, enquanto Ponta Negra tinha se tornado a imagem de Natal para o turismo, ela também tinha “ganhado status de ícone para quem (poderia) usufruir dos serviços oferecidos por lá” (Maciel e Lima, 2014, p. 137). Ponta Negra tornou-se assim, um espaço de exclusividade associada à hábitos de lazer e consumo da classe média, como banhos de sol, caminhadas e corridas na praia, frequentar bares e restaurantes em uma área conhecida por sua gastronomia, cultura de praia e vida noturna (Lopes Júnior, 2000).

No entanto, transformar Ponta Negra em um espaço para consumo da classe média nunca foi totalmente concretizado. Pescadores e moradores da Vila continuaram a usar a praia e interagir com ela como um local de trabalho e de fonte de renda. Diversos trabalhadores informais ao longo dos anos ofereciam serviços na praia (aulas de surf, massagem, passeios de buggy, sexo, etc.) ou vendiam comida, bebidas e música dos sistemas de som feitos à mão. De modo particular, as mulheres - em especial aquelas vistas como pobres e/ou racializadas como negras e morenas - que buscavam estrangeiros, tornaram-se o principal símbolo da degeneração de Ponta Negra e, como tal, experimentavam formas flagrantes de discriminação. A presença delas há muito tempo gera tensão com os moradores de classe média, bem como dos empresários que contribuíram para a transformação de Ponta Negra neste espaço de classe média. Os empresários utilizavam várias estratégias para manter clientelas brancas e de classe média, como cobrança de taxas de entrada caras e imposição de um código de vestimenta. Eles também formaram uma associação e se juntaram à AR-Ponta Negra (associação local de residentes) em um esforço para modernizar a área e “limpar” daqueles considerados indesejáveis. Essa visão se realizou em parte em 2014, pois a luta contra o turismo sexual em meados dos anos 2000 levou a uma quase privatização da praia, e invisibilização das garotas de programa, no período em que Natal sediou a Copa do Mundo. As tensões são evidentes da graphic novel e constituem o pano de fundo em que as experiências de Carol, Sofia, Ester, Luana e Amanda se situam.

#### “PONTA NEGRA PERTENCE AOS EUROPEUS”

A urbanização de Ponta Negra, que começou nos anos 1980, também resultou em complexas tensões entre moradores mais afluentes e turistas estrangeiros - especificamente, oposição ao turismo em massa, e em particular à europeização da praia. Para alguns moradores, Ponta Negra parecia estrangeira, até mesmo invadida e apropriada por europeus (veja também Sacramento, 2018). O que se deu em parte, pelo surgimento de voos fretados conectando Natal a vários destinos europeus. Em 1995, Natal teve o primeiro voo charter semanal oficialmente autorizado, de e para Milão, pavimentando o caminho para o surgimento de uma “marcante presença de turistas homens, italianos, em Ponta Negra” (Sacramento, 2018, p. 197). Entre 1995

e 2000, esse número aumentou para seis voos charters semanais, todos ligando Natal a destinos europeus. Em 2000, a construção de um novo terminal de passageiros no aeroporto de Natal consolidou a capacidade da cidade de oferecer voos internacionais, inclusive voos charter para a Europa. Como a grande capital brasileira mais próxima da Europa, a popularidade de Natal para o turismo de praia europeu explodiu.<sup>12</sup> Baseando-se em imagens de feminilidades racializadas e exóticas, importadas do Rio de Janeiro, Natal se promoveu como um destino solar, ostentando 300 dias de sol por ano, uma paisagem única e espetaculares dunas de areia, enquanto também reproduzia a sexualização da feminilidade brasileira (Sacramento, 2018). A cidade - especialmente Ponta Negra - então passou a ser reconhecida como lugar de lazer heterossexual masculino, sendo frequentada sobretudo por turistas europeus homens.

No decorrer de meados dos anos 1990 e início dos anos 2000, investimentos imobiliários relativos ao turismo aumentaram drasticamente em Ponta Negra, juntamente com o turismo residencial europeu, algo que favoreceu o desenvolvimento de relações duradouras e intimidades transnacionais (Sacramento 2018, p. 194). Em 2007- 2008, a presença de turistas e imigrantes europeus era visível pois, lojas, bares, restaurantes, hotéis, agências de viagem e imóveis se tornavam cada vez mais propriedade de europeus. Podia-se ouvir música popular norueguesa tocando de um sistema de som ou comprar um jornal italiano em uma das lojas de conveniência na beira mar. A europeização de Ponta Negra era indesejada, principalmente pelos moradores mais abastados, que até então consideravam que Ponta Negra era deles, e se sentiam invadidos. O antropólogo português Octávio Sacramento (2018, p.195) propõe:

a presença de turistas estrangeiros e o fato destes poderem estabelecer relacionamentos íntimos com mulheres locais gera inquietação entre muitos natalenses que interpretam essa situação como uma nova invasão, uma sequência da ocupação colonial. É comum ouvi-los afirmar que Ponta Negra é dos europeus e expressar preocupação que vai de ambiguidade a absoluta hostilidade em relação aos estrangeiros.

Neste contexto, a oposição ao turismo sexual se tornou o catalisador para oposição ao turismo de massa, o que era evidente em algumas campanhas, como no protesto que apresentou a escultura de um pênis branco em papel machê com várias bandeiras europeias, como mostrado na graphic novel.<sup>13</sup>

Para mulheres como Carol e suas amigas, na história, diferente dos moradores de classe média e empresários, a europeização de Ponta Negra era muito atraente. Embora excluídas da perspectiva dos planejadores urbanos de Natal, essas mulheres puderam, por um tempo, fazer Ponta Negra pertencer a *elas* também. Os europeus tornaram possível que elas realizassem a ambição de mobilidade social e econômica, ainda que temporariamente e de maneira incompleta. Porém, o turismo europeu em Natal não continuou a aumentar infinitamente. O turismo internacional (quase inteiramente europeu) caiu pela *metade* entre 2008 e 2014 (Aeroporto de Natal, 2014; Infraero, 2010, 2014), em parte como resultado dos efeitos da crise financeira mundial de 2008 na Europa. A cidade, já em dificuldades pela imagem manchada pelo turismo sexual, buscou se vender como um destino seguro e respeitável para turismo doméstico e familiar, uma imagem que ficou difícil de manter enquanto também começou a ser cada vez

---

<sup>12</sup> Entre 2002 e 2007 o número de visitantes internacionais quase duplicou, enquanto voos internacionais (não apenas charters) aumentaram para pelo menos 23 por semana (Infraero, 2010; Chiquetti, 2007).

<sup>13</sup> Por questões narrativas, na graphic novel a passeata aparece no verão de 2007 embora, de fato, tenha acontecido em novembro de 2006.



mais associada com violência (Sacramento, 2018). Neste contexto, a ideia de que Ponta Negra pertence aos europeus perdeu um pouco sua força, especialmente enquanto o turismo internacional se desloca para outras praias urbanas como a Praia do Forte, que foi o local escolhido para o FANFEST (festival associado à Copa do Mundo). Essa nova configuração espacial, em conjunto com a drástica diminuição do turismo europeu depois de 2009, levou a um sentimento de desolação e decadência em Ponta Negra, mesmo enquanto ela é simultaneamente gentrificada.

#### ENTRE A DECADÊNCIA E A GENTRIFICAÇÃO

Em meados de 2010, a economia informal que antes era emblemática da vida de praia, foi ainda mais higienizada por meio de novas regulamentações municipais que exigiam que vendedores ambulantes adquirissem licença para vender produtos (Globo, 2012), enquanto também regulava quais atividades eram permitidas (Martins, 2014). Uma característica simbólica da vida na praia de Ponta Negra, em meados dos anos 2000, os sistemas de som, praticamente desapareceram em 2014, por consequência das novas regulamentações municipais concebidas para controlar a poluição sonora, visual e ambiental (Martins 2014). Os sistemas de som desempenharam um papel importante na economia da praia, inclusive como pontos de encontro entre turistas europeus e brasileiras, já que as mulheres se reuniam para dançar e exibir os corpos, para atrair a atenção dos homens. Além disso, a praia se tornou cada vez mais privatizada e os veranistas tinham que pagar pelo acesso, fosse através do consumo de comidas e bebidas ou aluguel de cadeiras. A praia também se tornou mais privatizada por novas modalidades de segurança, com agentes de segurança privados e armados nas dependências de bares, restaurantes e hotéis repelindo “indesejáveis” como vendedores ambulantes, pedintes ou pessoas vistas como potenciais desordeiros. Como resultado, trabalhadores informais da praia, incluindo garotas de programa, desapareceram ou foram deslocados. Pontos da praia também foram gentrificadas, com pranchas de paddle substituindo pranchas de surf e lojas luxuosas substituindo as tradicionais jangadas. A chegada da Copa do Mundo também levou a maiores investimentos governamentais para reformar a praia, com iluminação pública ao longo da Rua Erivan França, reconstrução da orla marítima, modernização dos quiosques e banheiros públicos. No entanto, a reforma estava incompleta quando a Copa começou dando ao local uma aparência de decadência, intensificada pela constante conversa sobre criminalidade e a presença de guardas de segurança e policiais patrulhando a área a pé, em helicópteros, carros e caminhonetes.

A quase privatização se alinhou com a visão de Ponta Negra como espaço branco de classe média, onde a classe média podia desfrutar da praia e consumir comidas e bebidas em “segurança” (tanto em termos de saúde, com as normas sanitárias, quanto em relação à criminalidade, com a ausência dos considerados indesejáveis). Muitos moradores de classe média comemoraram que Ponta Negra “voltou” a ser *seu* espaço. Entretanto, muitos trabalhadores informais lamentaram as novas regulamentações municipais e também a ausência de turistas europeus, culpando a queda do turismo nas medidas repressivas do estado contra o turismo sexual em meados dos anos 2000 e na crise financeira global de 2008. A sensação de destruição econômica era palpável entre os trabalhadores informais do turismo, enquanto comentavam a ausência de turistas estrangeiros na cidade *apesar* da Copa do Mundo. Analogamente, várias garotas de programa relataram que a Copa do Mundo não trouxe os benefícios econômicos tão esperados, que elas acreditaram que traria. Em 2014 Ponta Negra não era mais um trampolim para a Europa, levando muitas mulheres a questionar o seu valor como lugar de futuros e aspirações, como é relatado na última parte da graphic novel. Ponta

Negra constitui assim, um complexo e mutável espaço social, onde relações de poder extrapolam a dicotomia simplista de locais e turistas.

### Amor de Gringo

Porque o nome *Amor de Gringo* para a graphic novel? Ou, pode-se questionar, para tomar emprestado o título da antropóloga Denise Brennan (2004) do que agora é uma etnografia clássica do turismo sexual: “o que o amor tem a ver com isso?” Amor de Gringo - como um conceito analítico - visa registrar a importância de laços íntimos e modalidades de apego que atravessam fronteiras transnacionais. Ele convida a um envolvimento, além do entendimento do amor como emoção universal, sentida individualmente ou como a genuína manifestação de um “verdadeiro” eu. Ao contrário, o conceito sugere algo coletivo, produzido socialmente. Amor é fundamental na graphic novel, não por ser um grande nivelador social, mas porque *intermedia* disparidades de poder (Cheng, 2010).

Amor de Gringo, como conceito, também pode ser pensado como um modo de trabalho emocional e corporizado que as mulheres de Ponta Negra movem de diferentes maneiras, em seus projetos de mobilidade social e econômica. O conceito também está ligado a geografias imaginadas, envolvidas na produção de áreas globais de desejos, pois as disparidades de poder “se tornam erotizadas e desigualdades são mercantilizadas” (Brennan, 2004, p. 16; veja também Bloch, 2017; Constable, 2003, 2005; Kempadoo, 1999; Manderson e Jolly, 1997). Como é evidente na graphic novel, em Ponta Negra a racialização vale para os dois lados: enquanto as brasileiras eram racializadas pelos turistas estrangeiros como tropicais, hiper sexualizadas, mulheres tradicionais, os europeus também eram imaginados pelas brasileiras através de alegorias raciais duradouras sobre branquitude, modernidade, meios financeiros e o Ocidente. No contexto desses complexos e mútuos desejos e desigualdades racializados, o amor também pode ser entendido como uma representação normalizadora, que permite a introdução de intercâmbios materiais-íntimos desiguais como parte de uma economia (melhor que mercado) de presentes. O conceito de Amor de Gringo também aponta para as maneiras em que trocas de valor em um contexto transnacional como Ponta Negra, permitem práticas de distinção entre masculino e feminino. A seguir, me baseio em um longo legado de trabalhos feministas e antropológicos para brevemente indicar algumas das possibilidades produtivas em pensar a política econômica do amor, racializada e com gênero, de Ponta Negra (Bloch, 2017; Brennan, 2004; Cheng, 2010; Constable, 2003; Faier, 2007; Frohlick, 2013; Padilla et al., 2007; Patino, 2009; Stout, 2014).

### DESEJAR O “OUTRO”: IMAGINAR A GENUÍNA MULHER BRASILEIRA

As associações com hiper sexualização da mulher brasileira são tais, que turistas que vem ao Brasil esperam ter livre acesso às mulheres - algo que se tornou similar a um “souvenir” do Brasil, como relataram turistas estrangeiros no Rio de Janeiro e na Bahia (Silva e Blanchette, 2005, p. 262; Williams, 2013, p. 95). De fato, existe um longo histórico de circulação mundial de imagens de mulheres brasileiras: começando com a representação colonial por holandeses, franceses e portugueses, do Brasil como um “paraíso na terra, um tipo de Éden tropical” (Parker, 1991, p. 9), com descrições de mulheres nativas lascivas e sexualmente insaciáveis aguardando os recém chegados, uma representação que perdurou na iconografia do Brasil e posteriormente também incluiu mulheres negras - seguindo o tráfico de escravizados no Atlântico (Sadler, 2008; Parker, 1991). Embora essas representações tenham mudado ao longo do tempo e tenham assumido diversas manifestações, elas são inerentes ao modo como a nação brasileira veio a pensar em si

mesma, como uma nação particularmente sexual por causa da herança de miscigenação (Parker, 1991). Após a Abolição da Escravatura (1888) e a Independência do Brasil (1889), a intelectualidade e elite brasileiras se esforçaram para conciliar a população nacional miscigenada com a eugenia que imperava na Europa, eles então adotaram uma narrativa nacional, que ao mesmo tempo, celebrava o hibridismo e adorava a predominante ideologia de branqueamento. Narrativa popularizada nas obras do influente escritor Jorge Amado (1958) e do sociólogo Gilberto Freyre (1933), entre outros, que representaram a *mulata* como uma sedutora sexual, personificação da perfeita miscigenação racial, apagando a história de violência sexual colonial (Gilliam, 1998; Goldstein, 2003). Como apontado pela antropóloga Natasha Pravaz, tal narrativa nacional estava ancorada em políticas e práticas do Estado, em especial sob o presidente Getúlio Vargas (1930 - 1945; 1951 - 1954), quando “o samba se tornou o melhor indicativo do caráter híbrido da nação” (2003, p. 124) e a *mulata* a personificação perfeita da mistura racial ou “representação do próprio Brasil” (2003, p. 123). Essa imagem das mulheres brasileiras foi impregnada em anúncios turísticos patrocinados pelo Estado - conforme discutido acima neste apêndice - bem como através de novas tecnologias que incluem websites de pornografia, vídeos de rap, blogs de turismo sexual, fóruns e websites que erotizam a mulher brasileira (Gilliam, 1998; Goldstein, 2003; Piscitelli, 2005, Pravaz, 2003; Williams, 2013). Atualmente as brasileiras, de modo geral, são erotizadas globalmente, sendo o Brasil, no imaginário de estrangeiros, tipicamente um paraíso tropical cheio de mulheres exóticas que são prontamente acessíveis e sexualmente aventureiras (Piscitelli, 2007b; Williams, 2013)<sup>14</sup>.

Natal ocupa um lugar inconfundível nos imaginários local/transnacional, especialmente quando comparado com (i) Rio de Janeiro, o paraíso erótico por excelência, com imagens de samba, carnaval e *mulatas* (Pravaz, 2003), (ii) Salvador, uma cidade há muito associada com a descendência Afro-Brasileira, onde o turismo da herança cultural negra encontra o turismo sexual (Williams, 2013), ou (iii) Manaus, no Amazonas, onde imagens de exóticas e autênticas mulheres indígenas assombra o imaginário dos turistas (Mitchell, 2016). Natal, como outras praias urbanas do Nordeste, como Recife e Fortaleza, é primeiramente imaginada como praia tropical no menos “desenvolvido” Nordeste e mais estreitamente associada com *morenidade* e pobreza (Piscitelli, 2005, p. 326). Conforme relatado, no contexto de relacionamentos íntimos transnacionais entre homens do Norte Global/Ocidente e mulheres do Sul Global/Oriente (Constable, 2005), os homens europeus em meu estudo tendiam a imaginar as mulheres brasileiras como tradicionais, não apenas hiper sexualizadas, em contraste com as mulheres europeias, exigentes, orientadas para a carreira, maculadas pelo feminismo e capitalismo. Em parte, essa racialização da feminilidade tradicional foi acentuada em Natal pela forma como o Nordeste é imaginado como mais autêntico, menos desenvolvido e modernizado que o Sul ou o Sudeste, onde estão localizados Rio ou São Paulo (Piscitelli, 2004b). Como é visível na graphic novel, muitos turistas europeus descreveram que o pedido explícito por dinheiro causava perda de interesse e imaginavam as mulheres que pediam diretamente por dinheiro como *falsas* e *não autênticas*. Entretanto, a maioria dos homens aceitava a presença de favores materiais enquanto parte da economia moral do presente baseada na reciprocidade (Maus, 1967) - quer dizer, eles entendiam que mulheres pobres e carentes podiam pedir dinheiro e até trabalhar como garotas de programa. Na economia do turismo sexual de Ponta Negra imaginar as mulheres brasileiras como pobres proporcionava a esses homens a possibilidade de se reconstruírem como provedores benevolentes, como examino a seguir.

---

<sup>14</sup> Ao mesmo tempo, mulheres brasileiras racializadas como não brancas são comumente vistas como mais hiper sexualizadas e imediatamente prontas para sexo.

## “É AJUDAR, NÃO PAGAR”

Enquanto os homens europeus do estudo não constituíam um grupo fixo, estável ou homogêneo<sup>15</sup>, eles compartilhavam uma semelhança no modo como se apresentavam para mim. Eles queriam que eu soubesse que eram “bons” gringos, que tratavam as mulheres com respeito, que nunca fariam sexo com meninas menores de idade, que nunca haviam pago por sexo na sua terra e que estavam ajudando uma mulher pobre em necessidade. Enquanto na perspectiva deles, o que representa as características de um bom gringo mudava e podia ser conectado a nacionalidades (por exemplo, alguns homens me disseram “Eu não sou como os italianos”), com frequência tinha relação a ideia de “ajudar, não pagar” uma mulher carente, como mostrado na história. Estes homens estavam tentando manter as aparências em frente a uma pesquisadora canadense? É possível ler a concepção deles como administração de um preconceito, dado que pagar por sexo é muito estigmatizado, mesmo no contexto de turismo sexual, e comumente compreendido como uma falha masculina. No trabalho emblemático sobre estigma, Goffman (1963) propõe que aqueles que são estigmatizados tendem a expressar ambivalência em relação a si mesmos, pois eles também estão sujeitos a normas sociais. Apesar de não obedecerem determinadas normas sociais, pessoas estigmatizadas ainda aplicam estas normas a si mesmas e aos outros. Neste sentido, ao se apresentarem como homens bons que ajudam uma pobre mulher carente, os turistas europeus provavelmente procuravam mitigar o estigma associado com o pagamento por sexo - um aspecto que foi observado na pesquisa sobre turismo sexual (veja, por exemplo, Padilha, 2007). Mas havia mais do que gerenciamento de estigma nas alegações de ajudar mulheres pobres.

Ajudar também pode sinalizar a lógica moral da economia de presentes, baseada em laços recíprocos de interdependência (em contraste com a economia de mercado), que permite que homens se posicionem como provedores benevolentes (veja Padilha, 2007 para constatações semelhantes no contexto de turismo sexual homossexual). Neste sentido, a ideia de ajudar funciona como uma prática masculina de distinção, estabelecendo-os como homens bons. Em Ponta Negra, muitos turistas europeus com quem conversei vinham de meios socioeconômicos relativamente limitados, e momentaneamente experimentavam mobilidade social e econômica. Eles podiam facilmente pagar as bebidas, convidar as mulheres para jantar em restaurantes sofisticados ou dar bons presentes. Estes homens tinham, momentaneamente, o poder econômico para serem generosos com as mulheres, em nítido contraste aos recursos econômicos da maioria dos homens brasileiros. Como Gringos - código para brancos europeus em Natal - os seus corpos também sinalizavam capital cultural, status, modernidade, cosmopolitismo e dinheiro (um aspecto que examino adiante). Neste contexto, eles viviam sua masculinidade como altamente desejável e valorizada, e assim, comumente se comparavam com “gringos ruins” (que eles viam como rudes, turistas sexuais insensíveis que tratam as mulheres como objetos) ou os “machos” locais (que eles viam como homens irresponsáveis e bêbados violentos).

---

<sup>15</sup> Os europeus em meu estudo vinham de vários países (Itália, Portugal, França, Bélgica, Alemanha, Irlanda, Inglaterra, Holanda e Noruega, para nomear alguns) mas também de várias situações e recursos socioeconômicos. Alguns eram casados, outros separados e divorciados e ainda outros solteiros. Eles viajavam sozinhos ou em grupos de dois ou três, com familiares, amigos ou colegas de trabalho. As idades também variavam (entre os entrevistados de 29 a 62, com a idade média de 42). Uns poucos pertenciam a uma elite econômica empresarial, alguns eram imigrantes que tinham apartamentos, hotéis, pousadas, restaurantes, bares, clubes noturnos, agências de viagem ou lojas de *souvenir*. Mas, principalmente, eles também eram turistas de baixa classe média viajando em voos fretados baratos que economizaram dinheiro por meses ou anos, e eram sobretudo operários.

A construção de masculinidades racializadas e/ou de classe é um tema comum na literatura acadêmica do turismo sexual. Por exemplo, no trabalho da antropóloga Denise Brennan sobre turismo sexual na República Dominicana, ela discute as maneiras em que os turistas vivenciam suas masculinidades como poderosas ferramentas de mudança no seu status social e econômico, o que permite que eles sejam “homens importantes” (Brennan, 2004, p. 29). A socióloga feminista Megan Rivers-Moore sugere que, em Gringo Gulch, em San José na Costa Rica, o turismo sexual constitui uma “economia relacional” em que valor é produzido relacionalmente e contextualmente, incluindo o valor masculino. Baseado no trabalho de referência de Connell (2000) sobre masculinidade hegemônica e as masculinidades múltiplas, relacionais, contextuais e hierárquicas, ela analisa o turismo sexual como uma “prática masculinizante” (2016, p. 38). Ela sugere que homens estadunidenses vivenciam a si mesmos como “onipotentes” por causa da temporária riqueza relativa, em contraste com os costarriquenhos, bem como seu acesso a mulheres jovens, bonitas, sensuais e exóticas, um luxo que não tem condições em casa. Em Ponta Negra, os homens também vivenciam suas masculinidades como mais poderosas, em termos raciais e de classe, bem como sua desejabilidade como homens. Este valor masculino diferenciado e status social e econômico relativamente maior, torna possível a construção de si mesmos como bons, generosos e benevolentes provedores, exemplificado na ideia de ajudar mulheres pobres.

Ajuda e alteridade estão, de certa forma, intrinsecamente ligados, pois na sua concepção das mulheres, como carentes e pobres, os europeus se baseiam numa geografia imaginária (Trouillot, 2003), que postula a Europa como civilizada, moderna, educada e desenvolvida e o Brasil - principalmente o Nordeste - como atrasado, tradicionalista e necessitado de salvação. Como o trabalho de Ann Stoler (2002) sobre conquista colonial, intimidade e cuidado demonstrou, ajuda e alteridade são, portanto, processos conectados, não separados. Porém, como outros estudiosos discutiram (veja Mitchell, 2016; Padilla, 2007; Rivers-Moore, 2016), as práticas dos turistas também transcendem a simples busca por dominação imperialista e misógina que popularmente é associada com o turismo sexual. Enquanto os homens em meu estudo se baseavam em um imaginário racializado, eles comumente não buscavam por objetos sexuais desumanizados. Além dos depoimentos clichê sobre brasileiras hiper sexualizadas nos trópicos, os europeus tinham ligações emocionais complicadas - fossem elas reais, imaginadas, ambíguas, temporárias ou incertas. Em sua análise, Rivers-Moore aponta maneiras em que o valor feminino, também, é relacional. Em Gringo Gulch, as mulheres locais não eram construídas como “descartáveis, mas o oposto, como de grande valor” mesmo que seu valor decorra de “sua construção discursiva como hiper sexualizadas e pobres” (2016, p. 62). Este valor relacional, em um contexto transnacional como Ponta Negra, tinha repercussões para as mulheres de outra forma consideradas descartáveis e desprezíveis no Brasil. Enquanto excluídas, marginalizadas e estigmatizadas localmente, elas se encontravam desejadas por homens que simbolizavam acesso a uma vida melhor, como examino a seguir.

#### AMOR DE GRINGO COMO TRABALHO CORPORIZADO

Como a masculinidade, a feminilidade é construída relacionalmente no turismo sexual (Rivers-Moore, 2016). Em Ponta Negra, isso significava que enquanto sendo pobres e não brancas eram localmente codificadas como de baixa reputação, no espaço transnacional tinham um valor diferente, onde estrangeiros valorizavam a pobreza e hiper sexualização racializada das mulheres. Especialistas demonstraram como as mulheres usam estrategicamente sua racialização na indústria do sexo, por exemplo, Miller-Young (2010) examina como mulheres negras que trabalham na indústria de entretenimento adulto “botam sua hiper sexualização

para trabalhar”, e Williams (2013) analisa como mulheres negras em Salvador, Bahia, fazem o mesmo no turismo sexual. Semelhante ao que Mitchell (2016) descreve como trabalho performático, na pesquisa com garotos de programa (profissionais do sexo masculino), para sugerir o trabalho corporizado, racializado, envolvido em instigar os clientes estrangeiros. Esses trabalhos conjuntos, em paralelo com as percepções da socióloga Beverly Skeggs (1997, 2001), sobre feminilidade como trabalho corporizado e distinção de classes, proporcionam importantes pistas para pensar a respeito do trabalho corporizado que supera o desempenho de amor por ganhos, e que está atrelado à construção de feminilidades racializadas/de classe. Em Ponta Negra, a construção de si mesma como, ao mesmo tempo, racializada e respeitável era, portanto, crucial na capacidade das mulheres de assegurar relações de longo prazo com os estrangeiros<sup>16</sup>.

Neste processo, as mulheres se baseiam em roteiros raciais existentes, se identificam principalmente como morenas, refletindo o modo como a maioria dos brasileiros se identificam tanto nacionalmente quanto no Rio Grande do Norte<sup>17</sup>. Morena (e o equivalente masculino moreno) é um termo ambíguo e de categoria polissêmica cujo significado muda, dependendo do contexto, que compreende do “europeu de cabelo castanho a pessoas com traços fenotípicos africanos e/ou indígenas” (Edmonds, 2010, p. 132). Pode incluir, tanto mulheres de pele clara bronzeadas, quanto mulatas (Piscitelli, 2007b; Williams, 2013). Diferente do termo mulata, ele não está necessariamente associado com descendência africana e nem sempre é sexualizado. Ele pode sinalizar classe média, pois é com frequência entendido como mais branco que mulata (Maia, 2009). No imaginário brasileiro ser pardo é, de muitas maneiras, se identificar com a narrativa nacional sobre hibridismo - é ser, de certo modo, brasileiro. Mas, como sugerido pelo antropólogo Alexander Edmonds em sua etnografia sobre cirurgia plástica no Brasil, essa celebração da morenidade “reflete a permanência do pensamento eugenista, bem como hierarquias informais que estigmatizam a negritude. Pardo é lindo, em parte por evitar ‘exageros africanoides’” (2010, p. 134). Na realidade, o termo morena é cada vez mais visto como racista no Brasil, como foi salientado para mim por Débora Santos, ilustradora deste projeto, e é cada vez mais evidente em debates públicos em torno do assunto.

Para as mulheres no meu estudo, morena constituía um meio-termo, uma categoria racial ambígua. Como tal, as mulheres podiam se construir racialmente como morena, ao longo de uma continuidade do que elas imaginavam que europeus procuram. As vezes elas tentavam escurecer ao invés de se branquear. Em outras, tentavam reproduzir um complexo hibridismo racial que sinalizava hiper sexualidade e respeitabilidade. A graphic novel assinala algumas dessas complexidades, quando vemos Carol tentando parecer mais escura se bronzeando, e simultaneamente, sem deixar de alisar o cabelo se embranqueando. Carol buscava se aproximar do ideal, a mulher tradicional hiper sexualizada, imaginada pelos europeus - neste caso, um ideal feminino diferente, ainda que vinculado à fusão da beleza feminina com o hibridismo racial no Brasil (Edmonds, 2010). Carol buscava se tornar racialmente legível aos europeus, o que exigia que ela se empenhasse diariamente no trabalho corporizado, mas ela também buscava demonstrar, em gestos corporais e interações com estrangeiros o que ela pensava sinalizar respeitabilidade feminina e disponibilidade para casar. Enquanto as mulheres trabalhavam para desenvolver relacionamentos íntimos duradouros com estrangeiros, elas

---

<sup>16</sup> Para maiores informações veja minha análise detalhada destes aspectos em Carrier-Moisán (2015).

<sup>17</sup> Enquanto o Censo brasileiro dá a escolha de cinco palavras para o termo “cor”, na fala cotidiana mais de 130 termos de identificação foram percebidos, com moreno e suas variações sendo os mais comuns (IBGE, 1999). No entanto, moreno não figura no Censo e em 2010 habitantes de Rio Grande do Norte se identificavam da seguinte maneira: 59,2% pardos; 36,3% brancos; 4,4% pretos e nenhum como amarelo ou indígena (IBGE, 2010).

usavam a feminilidade como um recurso cultural corporizado, tentando se diferenciar de mulheres de baixa reputação (Skeggs, 1997, 2001). Portanto, parecer respeitável e elegante era fundamental para os ambiciosos projetos de mobilidade social das mulheres, pois havia mais do que apenas uma negociação de estigma envolvido nestas tentativas. As mulheres também estavam se construindo como valorosas, merecedoras, casáveis e amorosas (Carrier-Moisan, 2015).

## CRIANDO LAÇOS DURADOUROS

A criação de laços duradouros com estrangeiros era, portanto, essencial ao trabalho feito pelas mulheres no meu estudo. Embora encenação de atração e afeto com certeza acontecia em Ponta Negra, a *graphic novel* também mostra que mulheres como Carol tinham experiências complexas com estrangeiros, além do desempenho de amor por ganhos financeiros e do distanciamento comumente associado ao “trabalho emocional” (Hochschild, 1983) como presumido em alguns dos estudos sobre trabalho sexual (por exemplo, Hoang, 2010)<sup>18</sup>. Ao deixar os relacionamentos abertos e ambíguos, e por se moverem em diferentes graus de intimidade, as mulheres se valiam no que outros pesquisadores denominaram “comercialização incompleta” (De Gallo e Alzate, 1976, citado em Cabezas, 2009, p. 119), muito semelhante ao que a antropóloga Amalia Cabezas propõe no contexto da República Dominicana: “ao usar trabalho íntimo que desvaloriza a venda do sexo, as mulheres conseguiam realizar trabalho relacional que podia abrir o relacionamento para possibilidades mais estáveis e produtivas” (2009, p. 130). Espelhando as práticas masculinas de enquadrar as trocas como “ajuda”, assim também as mulheres buscavam situar seus relacionamentos com estrangeiros como parte da economia moral do presente, para criar com eles práticas de mútuas obrigações e reciprocidade. Similarmente a como brasileiros trabalhadores do sexo integram os estrangeiros em seu sistema de parentesco local como padrinhos, como registrado por Mitchell (2016).

Em suas tentativas de transformar laços temporários em duradouros com os estrangeiros, as mulheres em meu estudo, então, se baseiam em padrões duradouros de reciprocidade personalizada e hierarquias íntimas. No Nordeste do Brasil, especialmente em lares de baixa renda, favores materiais têm sido historicamente associados com a lógica moral da economia do presente e a produção de vínculos duradouros - incluindo “relações de ajuda” (Cole, 2013, p. 29; veja também Rebhun, 1999; Scheper-Hughes, 1992). Neste contexto a antropóloga Adriana Piscitelli propõe que “um relacionamento importante é entre uma mulher jovem e um homem local, mais velho e rico, que fornece dinheiro e diferentes tipos de posses. O “velho que ajuda” é amplamente conhecido, uma tradição de longa data em todo Brasil e um modo reconhecido de mobilidade social para diferentes classes sociais” (Piscitelli, 2007b, p. 496). De acordo com Piscitelli, a prática pavimentou o caminho para trocas econômico-sexuais afetivas e ambíguas com turistas sexuais estrangeiros em Fortaleza, especialmente dado que eles podiam oferecer mais benefícios que o velho que ajuda (2007b). No entanto, o gringo que ajuda não é simplesmente uma versão mais rica do velho que ajuda, em função do que o gringo simboliza, como vou abordar. De fato, hierarquias íntimas racializadas - um legado da

---

<sup>18</sup> Em outras obras, amplio o conceito de trabalho emocional, como desenvolvido na obra de Hochschild (1983), em especial nas maneiras em que as mulheres na pesquisa contestam a ideia de uma rígida distinção entre administrar os sentimentos na esfera privada (trabalho emocional) e mercantilização dos sentimentos por dinheiro (trabalho emocional), o último entendido como uma forma de alienação porque as emoções não pertencem ao trabalhador. Minha análise a respeito das maneiras como as mulheres buscavam estabelecer laços duradouros com estrangeiros, em seus projetos de auto construção, de mobilidade social e econômica, portanto, é baseada em informações de algumas de minhas publicações anteriores (Carrier-Moisan, 2015, 2018).

escravatura e do colonialismo - tem sido uma característica de relações desiguais de dependência e reciprocidade (Furtado, 2009; Goldstein, 2003; Rebhun, 1999; Scheper-Hughes, 1992). As mulheres brasileiras há muito têm buscado se reinventar por meio de acordos íntimos com homens mais abastados e mais brancos, mas a figura do gringo - código para brancos e europeus - representa uma figura masculina diferente.

## IMAGINANDO GRINGOS E AS PRÁTICAS DE AUTO CONSTRUÇÃO

No Brasil quem é considerado gringo muda em diferentes lugares e contextos sócio-históricos. Em Natal, o termo gringo (e o equivalente feminino, gringa) comumente usado como abreviação para branco europeu, incluindo grupos historicamente racializados como não brancos, como italianos. Também era utilizado para estadunidenses e canadenses, embora fosse bem menos frequente encontrá-los visitando Natal. Também o ouvi em referência a chilenos e argentinos, e em 2014 durante a Copa do Mundo o termo era usado como sinônimo para “estrangeiro”, se referindo aos muitos turistas que frequentavam os jogos de futebol, incluindo mexicanos, japoneses, gregos e uruguaios - o que aponta para mudança do contexto semântico. Algumas vezes tinha conotação negativa, dada a diferença de poder entre turistas e locais, bem como a enorme presença de europeus em Natal. Mas para muitas das brasileiras em meu estudo o termo simbolizava uma clara e racializada masculinidade ligada à branquitude, recursos, modernidade, mobilidade e o espaço geográfico do ocidente/norte, sobretudo Europa.

Então, o termo *Amor de Gringo* também indica a racialização dos gringos, ou homens estrangeiros, um processo enraizado em alegorias coloniais e renovado no contexto transnacional como de Ponta Negra, onde valorações raciais complexas e concorrentes estavam em ação. Como mostrado na graphic novel, as brasileiras em Ponta Negra comumente comparavam gringos e brasileiros como diferentes masculinidades racializadas. Se baseavam em alegorias sobre masculinidade negra, na idealização dos brasileiros como movidos por impulsos naturais, animais, sexuais e agressividade. Elas costumavam ver gringos como superiores aos brasileiros, e como pesquisadores do turismo sexual notaram em outros lugares, também diferenciavam entre bons e maus gringos (Blanchette, 2011). Como vimos na história, as mulheres diferenciavam as várias nacionalidades ou rotulavam os homens que não queriam pagar de *cafuçu* (termo local para homem sovina e grosseiro). Enquanto divergiam sobre quais nacionalidades preferiam ou desgostavam mais, com frequência se baseavam em uma hierarquia de valoração na qual os brasileiros eram considerados sem valor e os gringos desejáveis.

Essa hierarquia de valoração masculina era essencial na criação de uma subjetividade feminina diferente. Tentativas de auto transformação também estão frequentemente ligadas a uma identidade moderna na literatura acadêmica, feminista e antropológica, sobre amor e mobilidade transnacional (Bloch, 2017; Cheng, 2010; Constable, 2003, 2005; Faier, 2007; Hirsch e Wardlow, 2006; Kelsky, 2001; Padilla et al., 2007; Patino, 2009; Schaeffer-Gabieli, 2004). Outra lente através da qual pensar essas práticas é proposta no trabalho de Williams (2013) na análise que faz destas experiências de consumo mundial no turismo sexual como cosmopolitismo. Ela sugere que, enquanto o conceito é comumente associado com aqueles que ocupam uma posição privilegiada na economia mundial, exercem influência mundial, superam o estado-nação - algo como um viajante do mundo com conhecimento exaustivo de múltiplas culturas - mas é útil pensar as maneiras pelas quais pessoas locais, que trabalham no turismo sexual, também utilizam uma forma de cosmopolitismo insurgente, alternativo e de base (2013, p. 134).



Analogamente, para as mulheres em meu estudo, Ponta Negra também ofereceu por um tempo eventual acesso a formas de consumo mundial, que de outra forma lhes eram inacessíveis.

#### AMOR DE GRINGO COMO UMA ARMA DOS FRACOS

Amor de Gringo também pode ser visto como uma crítica, a antropóloga Sealing Cheng propõe em um contexto similar: “anseios de intimidade e relacionamentos com o outro também podem ser comentários críticos sobre gênero e hierarquias regionais dentro de uma política econômica mais ampla” (2010, p. 10; veja também Faier, 2007; Schaeffer-Grabiell, 2004). No trabalho com artistas filipinas em bases militares dos Estados Unidos na Coreia do Sul, Cheng aponta, que neste contexto, o amor é intermediário de desigualdades e diferenciais de poder. Se baseando no trabalho de James C. Scott (1985) ela conceitua o amor como uma “arma dos fracos” que fornece uma “moldura moral para negociarem sua subordinação e irem atrás de suas aspirações” (2010, p. 142) dado que, tanto Estado, quanto mercado lhes falharam. Eu entendo as mulheres de Ponta Negra do mesmo modo - vejo o Amor de Gringo como mediador de diversas formas de poder e desigualdades baseadas em raça, classe, gênero, idade e nacionalidade, incluído entre brasileiras e europeus, mas também no contexto de hierarquias locais. De fato, práticas das mulheres, de diferenciação feminina, não podem ser separadas das relações raciais e de classe no Brasil, dadas práticas excludentes que caracterizam as “cidadanias diferenciadas” famosas no Brasil. Uma cidadania que o antropólogo James Holston retrata como “universalmente inclusiva em participação, mas imensamente desigual na distribuição de direitos e recursos” (2008, p. 284; veja também De Castro, 2006). A frase de espaço “sair dessa vida”, mostrada na graphic novel, sinaliza essas complexas e emaranhadas experiências de exclusão social e aspiração de um futuro melhor (Carrier-Moisan, 2018). Neste contexto, a ideia de “sair dessa vida”, para a maioria das mulheres sugere a possibilidade de escapar das limitações estruturais de raça, classe, gênero e sexualidade, criando para si mesmas um futuro de mais esperança.

Através da representação das ações das mulheres em busca de ascensão social e projetos de auto construção global, a história desafia a percepção comum de mulheres que precisam ser salvas e oprimidas por venderem sexo ou ainda por seu amor ingênuo por homens estrangeiros, uma visão mantida pelo Estado e perpetuada pelas campanhas contra o turismo sexual. Como a graphic novel demonstra, o Amor de Gringo era parte de um projeto de “autoconstrução global” (Faier, 2007) em uma economia política em mudança, principalmente em meados dos anos 2000. Naquela época as mulheres buscavam estabelecer vínculos duradouros com estrangeiros, o que por sua vez permitia que eles se recriassem como respeitáveis, modernos, indivíduos com mobilidade social e espacial o que permitia acesso a hábitos de consumo de classe média, de outra forma inacessíveis para eles. Estes vínculos também tornavam possível interferir nas hierarquias locais, em que elas estavam no nível mais baixo. Em meados dos anos 2000 a Europa era imaginada como destino desejável, que proporcionava a oportunidade de se reformular e conseguir mobilidade social e econômica. Esse imaginário dominante mudou significativamente desde a crise financeira mundial de 2008 - a Europa não é mais idealizada somente como espaço de prosperidade econômica.

Na realidade, as brasileiras com quem conversei em 2014 pareciam menos esperançosas na possibilidade de transformarem suas vidas por meio de um Amor de Gringo. A capacidade das mulheres locais de levarem a cabo o desejo de “sair dessa vida” e transformar a si mesmas em outro lugar estava limitada por mudanças recentes na economia política, local e mundial. Enquanto a Europa não era mais imaginada como lugar de possibilidades futuras, o Brasil parecia

ainda mais sem futuro, dados os tumultos políticos e econômicos. Neste contexto, os corpos dos gringos não sinalizavam mais, categoricamente, recursos, mobilidade mundial e cosmopolitismo na mesma medida que em meados dos anos 2000, e tanto europeus, quanto Europa não exerciam a mesma sedução, atração e sentimento de autorrealização que uma vez tiveram.

Enquanto termino de escrever estas linhas penso sobre as repercussões da eleição do mais recente presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, para mulheres como Carol, Sofia, Ester, Luana e Amanda, dado o recrudescimento da militarização na segurança pública do Brasil e de Natal, que já aconteceram nas últimas décadas. Também penso em que medida essa presidência irá agravar padrões há muito tempo em construção, incluindo um conservadorismo religioso latente sobre gênero e minorias sexuais. As cidadanias diferenciadas permitiram práticas de higienização, privatização e securitização de espaços públicos e os persistentes padrões de desigualdades raciais, sexuais, de gênero e de classe. Também estou preocupada por uma de suas muitas declarações homofóbicas e sexistas - durante um encontro com jornalistas em abril de 2019, Bolsonaro falou que o Brasil não pode se tornar um país conhecido como destino do turismo sexual homossexual: “Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade. Agora, não pode ficar conhecido como paraíso do mundo gay aqui dentro. O Brasil não pode ser um país do mundo gay, do turismo gay. Temos famílias” (Phillips e Kaiser, 2019). Enquanto prejudica gravemente a comunidade LGBTQIA+, ele também legitima a imagem do Brasil como paraíso para o turista homem heterossexual e sugere a disponibilidade sexual das mulheres brasileiras.

Quando comecei a trabalhar na graphic novel eu não enxergava esses diversos vértices de poder, mas enquanto termino o projeto, me parece que posso ver traços e fragmentos na minha etnografia do que o Brasil está se tornando. Sinto como se estivesse escrevendo sobre um outro tempo. E é: dez anos é um longo tempo, mas a imensidão da mudança que aconteceu na política, economia e paisagem social do Brasil é enorme. Etnografia é um processo demorado de documentação, mas também tenho consciência que é parcialmente a história sendo feita, mesmo que o etnógrafo não tenha plena consciência disso.

#### Apêndice 4

##### MAIS LEITURAS

Existem limites para qualquer estudo etnográfico do turismo sexual e muitas participações ricas, inspiradoras e incríveis complementam meu trabalho. Ofereço aqui algumas sugestões para leitores interessados em explorar em maior profundidade vários assuntos, abrangendo de graphic novels a pesquisas sobre turismo sexual no Brasil. A lista não é exaustiva, ao invés disso, é constituída de diversas fontes que me inspiraram, provocaram ou impulsionaram a pensar mais longe, bem como aquelas diretamente relacionadas com a etnografia e/ou graphic novel.

##### Turismo Sexual no Brasil

##### O TRABALHO DE ADRIANA PISCITELLI

A antropóloga argentina Adriana Piscitelli, que morou e trabalhou no Brasil por décadas, é uma pioneira no estudo do turismo sexual heterossexual masculino no Brasil. Piscitelli também

conduziu pesquisa etnográfica com mulheres brasileiras imigrantes na indústria do sexo na Europa, assim como no tópico de relacionamentos íntimos entre mulheres estrangeiras e homens brasileiros.

Em Inglês

2016 *Sexual Economy, Love, and Human Trafficking - New Conceptual Issues*. Cadernos Pagu 47: e16475.

2016 *Windsurfers, Capoeiristas and Musicians: Brazilian Masculinities in Transnational Scenarios. Masculinities under Neoliberalism*, ed. A. Cornwall, F. Karioris, and N. Lindisfarne, 125 - 35. London: Zed Books.

2014 *Transnational Sisterhood? Brazilian Feminisms Facing Prostitution*. Latin American Policy 5 (2): 221 - 35.

2008 *Looking for New Worlds: Brazilian Women as International Migrants*. Signs: A Journal of Women in Culture and Society 33 (4): 1784 - 93.

2007 *Shifting Boundaries: Sex and Money in the North-East of Brazil*. Sexualities 10: 489 - 500.

2004 *On 'Gringos' and 'Natives': Gender and Sexuality in the context of International Sex Tourism*. Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology 1: 87 - 114.

Em Português

2013 *Trânsitos: Brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

2011 *Amor, apego e interesse: Trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários Transnacionais*. In *Gênero, sexo, amor e dinheiro: Mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*, ed. Adriana Piscitelli, Gláucia de Oliveira Assis e José Miguel Nieto Olivar, 537 - 82. Campinas, SP: UNICAMP/PAGU.

2005 *Viagens e sexo on-line: A internet na geografia do turismo sexual*. Cadernos Pagu 25: 281 - 327.

2004 *Entre a Praia de Iracema e a União Europeia: Turismo sexual internacional e migração feminina*. In *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*, ed. A. Piscitelli, M.F. Gregori e S. Carrara, 283 - 318. Rio de Janeiro: Garamond.

#### O TRABALHO DE THADDEUS BLANCHETTE E ANA PAULA DA SILVA

Thaddeus Blanchette e Ana Paula da Silva (um casal estadunidense/brasileira morando no Brasil) conduziram, juntos e por décadas, pesquisas sobre turismo sexual e prostituição no Rio de Janeiro. Eles também contribuem para o Observatório da Prostituição conduzindo pesquisas sobre megaeventos e turismo sexual e estão entre os pesquisadores que constituíram o Grupo Davida (veja abaixo).

2017 *For Love or for Money? (Re)productive Work, Sex Work, and the Transformation of Feminine Labour*. Cadernos Pagu 50.

[http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0104-83332017000200314&lng=pt&nrm=iso&tlng=en](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-83332017000200314&lng=pt&nrm=iso&tlng=en)

2016 *Brazil Has Its Eye on You: Sexual Panic and the Threat of Sex Tourism in Rio de Janeiro during the FIFA World Cup 2014*. *Brasiliana - Journal of Brazilian Studies* 4 (2): 411 - 54.

2014 *Cinderella Deceived: Analyzing a Brazilian Myth regarding Trafficking in Persons*. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology* 10 (2).

<https://www.scielo.br/j/vb/a/6FFR8JVcRWzBNwgidWsLXvh>

2012 *The Myth of Maria and the Imagining of Sexual Trafficking in Brazil*. *Dialectical Anthropology* 37 (2): 195 - 227.

2012 *On Bullshit and the Trafficking of Women: Moral Entrepreneurs and the Invention of Trafficking Persons in Brazil*. *Dialectical Anthropology* 36 (1 - 2): 107 - 25.

2011 *Prostitution in Contemporary Rio de Janeiro*. In *Policing Pleasure: Sex Work, Policy and the State in Global Perspective*, ed. Susan Dewey and Patty Kelly, 103 -45. New York University Press.

2010 *Our Lady of Help: Sex, Tourism and Transnational Movements in Copacabana*. *Wagadu* 8: 144 - 65.

ERICA LORRAINE WILLIAMS

*SEX TOURISM IN BAHIA: AMBIGUOUS ENTANGLEMENTS* - 2013, UNIVERSITY OF ILLINOIS PRESS

Esse é a primeira etnografia em profundidade sobre o turismo sexual no Brasil. É um relato extraordinário, apaixonante, cativante e bem escrito do turismo sexual na cidade de Salvador, Bahia. Diferente da maioria das pesquisas (incluindo a minha), não é exclusivamente voltada ao turismo heterossexual masculino, mesmo que grande parte da pesquisa considere encontros heterossexuais entre homens locais e mulheres estrangeiras, e também turismo sexual homossexual negro. A originalidade do trabalho vem em grande parte da maneira como a autora documenta as complexas relações entre turismo cultural e sexual - ou seja, como a mercantilização da cultura afro-brasileira em Salvador está ligada à erotização de homens e mulheres afro-brasileiros no turismo.

GREGORY MITCHELL

*TOURIST ATTRACTIONS: PERFORMING RACE AND MASCULINITY IN BRAZIL'S SEXUAL ECONOMY* 2016, UNIVERSITY OF CHICAGO PRESS

Etnografia rica e provocativa sobre o turismo sexual homossexual, baseada em três locais diferentes: Rio de Janeiro, Salvador e Manaus. Mitchell sabiamente propõe ressignificar o trabalho dos profissionais do sexo associado ao turismo como “performático”, uma abordagem fascinante e atraente que esclarece sutis e complexas maneiras que homens brasileiros, trabalhadores do sexo, desempenham nacionalidade, raça e masculinidade de formas específicas nos três locais, de acordo com o que os turistas procuram.

THIAGO CANTALICE

*DANDO UM BANHO DE CARINHO! OS CAÇA GRINGAS E AS INTERAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS EM CONTEXTOS DE VIAGEM TURÍSTICA (PIPA-RN)* - 2016, PACO EDITORIAL

Etnografia baseada em pesquisa conduzida em Pipa (balneário localizado a aproximadamente 80 quilômetros de Natal), que se tornou um destino turístico para surfistas, mochileiros e brasileiros de classe média em busca de diferenciação. Que eu saiba, é o único estudo etnográfico que examina os relacionamentos sexual e afetivos entre homens locais (conhecidos como caça-gringas) e mulheres estrangeiras.

DOCUMENTÁRIO: JOEL ZITO ARAÚJO

*CINDERLAS, LOBOS E UM PRÍNCIPE ENCANTADO* - 2008, 107 MINUTOS

Documentário sobre turismo sexual masculino heterossexual no Brasil e migração transnacional de mulheres brasileiras para a Europa. Natal é uma das localidades onde filmaram e tive a oportunidade de encontrar a equipe e o diretor do filme quando eles estiveram lá. O filme vai muito além de representações sensacionalistas do turismo sexual e mostra uma variedade de contextos e experiências. Ele propõe um olhar crítico na objetificação sexual de mulheres negras no Brasil, enquanto reconhece o seu arbítrio sexual. Embora possa levar alguns espectadores a agrupar a exploração sexual de crianças e tráfico sexual com trabalho sexual, mesmo assim desafia as habituais representações de vítimas sexualizadas no turismo sexual.

MEGAEVENTOS E ATIVISMO NO TRABALHO SEXUAL NO BRASIL

A chegada da Copa do Mundo em 2014 (realizada em 12 cidades por todo Brasil) e da Olimpíada do Rio em 2016, instigou muitas campanhas contra o turismo sexual e tráfico sexual e teve consequências para profissionais do sexo. Como reação, profissionais do sexo e seus aliados, incluindo pesquisadores, documentaram a repercussão das campanhas e a intensificação na repressão do Estado. Ainda, partindo de uma extensa tradição de ativismo, as profissionais do sexo produziram vários relatos sobre suas experiências durante os eventos. A lista a seguir não é pormenorizada, mas fornece uma imagem da diversidade e dinamismo do movimento pelos direitos de profissionais do sexo e seus aliados no Brasil, com ênfase nos megaeventos e as principais organizações.

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

Parte do Laboratório de Etnografia Metropolitana da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o Observatório da Prostituição se concentra em documentar violações aos direitos dessas profissionais no Brasil, e em promover direitos humanos, sexuais e laborais. Foi muito atuante durante a Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada do Rio em 2016, com o projeto *Red Light Rio*, uma colaboração entre profissionais do sexo e pesquisadores, filmando entrevistas com as mulheres, a respeito de suas experiências durante a Copa do Mundo e as Olimpíadas (algumas estão disponíveis online: <https://redlightr.io/>). Além da elaboração de vários relatórios sobre impactos de megaeventos esportivos para estas profissionais. O Observatório da Prostituição trabalha em parceria com a organização Davida e também com a Rede Brasileira de Prostitutas. É dirigido pela antropóloga Soraya Silveira Simões e conta ainda com a participação de vários pesquisadores acadêmicos incluindo Thaddeus Blanchette, Ana Paula da Silva, Laura Murray, Amanda de Lisio e Gregory Mitchell, entre muitos outros. Uma das iniciativas do Observatório da Prostituição foi a mostra fotográfica “O que você não vê: A prostituição vista por nós mesmas” realizada por profissionais do sexo do Rio de Janeiro, que também inclui uma exibição virtual: <https://oquevcnaove.hotglue.me/>

DAVIDA E GRUPO DAVIDA

Davida é uma associação pelos direitos de profissionais do sexo, sediada no Rio de Janeiro e fundada pela falecida ativista Gabriela Leite. A associação conduz várias ações dinâmicas, criativas e provocativas pelos direitos dessas mulheres. Em 2005, por exemplo, Gabriela Leite liderou a criação da grife Daspu (abreviação de Das Putas), para desafiar estereótipos a respeito de profissionais do sexo e dar visibilidade à associação, de um jeito malicioso e irônico ao mesmo tempo que financiava suas atividades. Grupo Davida é um coletivo de pesquisadores acadêmicos vinculados à Davida que estudam o trabalho sexual. A seguir algumas publicações do grupo:

Grupo Davida, 2014. *Trafficking as a Floating Signifier: The View from Brazil*. *Anti-Trafficking Review* 4: 161 - 6.

Grupo Davida, 2005. *Prostitutas, 'traficadas' e pânico morais: Uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o tráfico de seres humanos*. *Cadernos Pagu* 25: 153 - 84.

#### GABRIELA LEITE

Gabriela Leite foi uma liderança no ativismo por direitos de profissionais do sexo no Brasil até 2013 quando faleceu, ela segue inspirando profissionais do sexo e aliados. É impossível aqui, fazer jus ao seu imenso legado e contribuição, para leitores interessados em saber mais a respeito de Gabriela Leite, em 2009 ela publicou uma autobiografia: *Filha, Mãe, Avó e Puta*. Laura Murray, outra figura importante e pesquisadora acadêmica comprometida com o ativismo pelos direitos das profissionais do sexo no Brasil, fez um documentário a respeito de Gabriela, chamado *a Kiss for Gabriela* (um trocadilho com o nome da revista criada por Gabriela, *Beijo da rua*). O documentário em português, com legendas em inglês está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LqgwDysJjY0>.

#### PUTAFEMINISTAS

Gabriela Leite foi uma das ativistas mais contundentes a reivindicar o termo puta. Seguindo seu legado, agora muitas profissionais do sexo militantes, veementemente se identificam como feministas e contestam versões do feminismo que confundem prostituição com opressão das mulheres. As mais notórias autodeclaradas *putafeministas* são: Monique Prada, que em 2018 publicou o livro *Putafeminista*; Amara Moira, que em 2016 publicou o livro *E se eu fosse puta?* ela escreve um blog com o mesmo nome e Indianare Siqueira, que em 2016 concorreu ao cargo de vereadora nas Eleições Municipais do Rio de Janeiro e ficou como suplente - ela concorreu com o slogan "*Indianara Siqueira – uma puta vereadora*" - ela ainda relata sua experiência como mulher trans com abuso policial, em posts no Facebook. As *putafeministas* têm, de maneira muito atuante, denunciado publicamente o pânico moral que explodiu com a chegada dos megaeventos esportivos no Brasil.

#### ANCOP

A Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa divulgou um relatório em 2014 abordando violações dos direitos humanos durante a Copa do Mundo de 2014. No capítulo sobre violações de direitos no contexto do trabalho, o relatório abordou procedimentos de limpeza da cidade realizados durante a Copa do Mundo. Estado, missionários e militantes contra a prostituição tinham como alvo profissionais do sexo e estes procedimentos restringiram a mobilidade e os direitos laborais desses profissionais sob pretexto de combater o tráfico sexual. O relatório completo, intitulado *Dossiê Mega Eventos e Violações dos Direitos Humanos no*

Brasil, é encontrado aqui: <https://br.boell.org/pt-br/2014/11/14/dossie-megaeventos-e-violacoes-dos-direitos-humanos-no-brasil-2014>

Quadrinhos, Graphic Novels e Trabalho Sexual (no Canadá)

GRAPHIC NOVEL: CHESTER BROWN

*PAGANDO POR SEXO* (2012, WMF MARTINS FONTES - EDIÇÃO ESPECIAL)

Não existem muitos quadrinhos ou graphic novels que abordem o tema do trabalho sexual, em especial, de modo a desafiar a vitimização de profissionais do sexo ou da imagem de prostituição ligada à criminalidade clandestina e pecaminosa. *Pagando por sexo*, de Chester Brown, é um olhar pouco comum pelo universo do homem que contrata profissionais do sexo, no Canadá. É autobiográfica e entra na intimidade do autor, em seus pensamentos e experiências como cliente. Embora seus desenhos possam ser vistos como desumanizadores das profissionais do sexo (ele nunca mostra os rostos e tende a retratá-las de modo genérico - ele afirma que desenha desse modo para não as expor), ele também se retrata de maneira desfavorável, às vezes beirando o assustador. Ainda assim, a graphic novel desafia algumas presunções, a respeito de clientes depravados e abusivos das profissionais do sexo, e de vítimas sexualizadas na prostituição. *Pagando por sexo* também registra a mudança, na indústria do sexo norte americana, com a intimidade mediada pelo mercado e clientes em busca da experiência de namorada - o que a socióloga Elizabeth Bernstein descreve como a busca por “autenticidade demarcada”. Seria um complemento interessante para o artigo de Bernstein de 2001, *The Meaning of the Purchase: Desire, Demand and the Commerce of Sex* (Ethnography 2 |3|: 389 - 420), ou para a etnografia *Temporarily Yours: Intimacy, Authenticity and the Commerce of Sex*.

GRAPHIC NOVEL: SYLVIE RANCOURT

*STORY OF A NUDE DANCER* (2015, DRAWN AND QUARTERLY)

Graphic novel fascinante - tanto a história contada nas páginas, como também a história em torno da sua publicação. Em 1985, Sylvie Rancourt, mulher de vinte e poucos anos, começou a criar quadrinhos baseados em suas experiências trabalhando como dançarina em uma boate de strip em Montreal, trabalho que fez por quase dez anos. Ela se mudou com o namorado, de uma área rural ao norte de Quebec (Abitibi) para Montreal, e ambos estavam com dificuldade para pagar as contas, quando ela começou a dançar. Apesar de ser autobiográfico ela usa um avatar - Melody - baseado em um dos nomes que usou no palco, e ela começou a fazer quadrinhos (em francês) sobre suas experiências. Os quadrinhos eram vendidos como fanzines para clientes dos bares em que trabalhava. Mais tarde ela mesma publicou como revista, que foi traduzida para inglês e distribuída nos Estados Unidos e Canadá, onde se tornou um quadrinho cult underground. *Melody* quase desapareceu no final dos anos 1990, por causa de leis de censura no Canadá, e somente foi publicada como livro em 2013 (no original francês), quase trinta anos após sua criação (o que significa que *Melody* é um dos primeiros quadrinhos autobiográficos). *Melody* prende o leitor por sua história pessoal confessional, honesta e que quebra tabus, além dos desenhos minimalistas. Não é voyeurista, vitimista, moralista ou sensacionalista. Ao contrário, *Melody* cativa porque parece real, íntima, crua e recria com habilidade o dia a dia de dançarinas de striptease. Por exemplo, vemos Melody um tanto desajeitada e nervosa na sua estreia, até mesmo caindo da banqueta. Reconhecemos chefes mesquinhos, testemunhamos trocas de conselhos entre as dançarinas, vemos o namorado vendendo cocaína nas boates onde

ela trabalhava, e assim por diante. *Melody* oferece uma janela única para o universo das dançarinas de strip na Montreal de 1980, e é uma história fascinante sobre a capacidade das mulheres em definir e usar seus corpos - mesmo quando objetificados e sexualizados - em lugares de prazer e/ou trabalho.